

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**DIFICULDADES DOS PROFESSORES NO ENSINO DE PESSOAS
SUPERDOTADAS**

(CASO DA ESCOLA PRIMÁRIA N.º 51, KUIMBA)

Autor: Ndombele Maku Júnior

Orientadora: MSc, Madalena Nascente C. João

Icolo e Bengo, 2025

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**DIFICULDADES DOS PROFESSORES NO ENSINO DE PESSOAS
SUPERDOTADAS**

(CASO DA ESCOLA PRIMÁRIA N.º 51, KUIMBA)

Trabalho do Fim do Curso apresentado ao Instituto
Superior de Angola, como requisito para obtenção do
grau de Licenciatura, sob orientação da MSc, Madalena
Nascente Cardoso João

Autor: Ndombele Maku Júnior

Orientadora: MSc, Madalena Nascente C. João

Icolo e Bengo, 2025

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**DIFICULDADES DOS PROFESSORES NO ENSINO DE PESSOAS
SUPERDOTADAS.**

(CASO DA ESCOLA PRIMÁRIA N.º 51, KUIMBA)

O JÚRI

1- Presidente _____

2- 1º Vogal _____

3- 2º Vogal _____

4- Secretário _____

CLASSIFICAÇÃO: _____

Data da monografia ____/____/____

DEDICATÓRIA

A minha esposa Graça Nzualongo Luyindula, pela paciência durante esse processo de sacrifício e pelo seu apoio incondicional e trilhar este caminho comigo e busca da realização dos nossos sonhos.

Pois o meu maior aprendizado nesses anos foi a paciência, a perseverança e amizade que temos o meu grande amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter-nos dado força, inteligência na escolha do curso, estabilidade emocional para superar as dificuldades do curso e por não nos deixar desistir nos momentos em que chegamos a duvidar da nossa capacidade.

A minha esposa Graça Nzualongo Luyindula pela sua paciência durante todo esse processo de sacrifício e pela sua ajuda.

Aos meus irmãos, Domingo Lutati e Pedro Berão, que sempre estiveram prontos a me ajudar, aconselhar nas horas de indecisão e sempre me incentivaram para o progresso.

Aos meus tios Pedro Manso e Bofino Lopes, que compartilharam comigo esta luta diária pela aprendizagem e pelo incentivo aos estudos no apoiado dado na transformação do meu sonho em licenciar-se numa realidade.

A minha professora e orientadora MSc. Madalena N. Cardoso João, pelo seu esforço, competência, dedicação, exigência e responsabilidade que mostrou durante a realização deste trabalho

Ao meu co-orientador professor Lic. Gomes Moreira Engrácia, pela paciência e entrega total na conclusão deste trabalho.

Ao Instituto Superior de Angola (ISA) pela rigorosidade e compreensão dos tempos difíceis, e aos professores que durante muito tempo souberam compartilhar os seus conhecimentos.

A todos os meus colegas e amigos que acreditaram no nosso desempenho.

Aos funcionários do Colégio Boa Vista e os intervenientes que participaram na presente pesquisa.

A todos, o nosso muito obrigado!

EPÍGRAFE

A maior dificuldade do professor frente ao superdotado é reconhecer que ele precisa tanto de atenção diferenciada quanto aquele que apresenta dificuldades de aprendizagem.”

— Virgolim (2007)

RESUMO

O presente Trabalho do Fim do Curso, tem como tema: Dificuldades dos professores no ensino de pessoas superdotadas na escola primária n.º 51 no município do kuimba. Optou-se pelas pesquisas bibliográfica e de campo e em cumprimento dos objectivos optou-se por uma abordagem qualitativa. Temos como problema: Quais são as dificuldades dos professores no ensino de pessoas superdotadas na escola primária n.º 51/ kuimba? Objectivo geral: Analisar as dificuldades dos professores no ensino de pessoas superdotadas na escola primária n.º 51/ kuimba. Objectivos específicos: Identificar os tipos de alunos especiais na escola primária n.º 51/ kuimba; Mencionar as dificuldades dos professores no processo de ensino de pessoas superdotadas na escola primária n.º 51/ kuimba; Sugerir acções metodológicas que visam melhorar o trabalho dos professores com alunos superdotados na sala de aula. Tem como amostra 8 intervenientes. Conclui-se que: as dificuldades dos professores no ensino de alunos com altas habilidades/superdotadas, cingem-se na formação inadequada dos professores para o ensino primário; o preconceito ou a falta de conhecimento sobre as necessidades específicas dos alunos com deficiências; a utilização de metodologias de ensino inadequadas e materiais didácticos adaptados, sem esquecer das infra-estruturas; Sugeriu-se: Aos gestores: que realizem mais jornadas pedagógicas; que incentivem a relação família – professores para melhor atendimento das necessidades dos seus filhos. Aos professores: que evitem o preconceitos destes alunos; que conheçam os pais destes alunos para familiarizar-se com as suas necessidades específicas; que forneçam a estes alunos actividades que atendam as suas necessidades intelectuais.

Palavras-chave: Dificuldades. Professor. Ensino. Superdotado.

ABSTRACT

This Final Course Work has as its theme: Difficulties of teachers in teaching gifted people at primary school no. 51 in the municipality of Kuimba. We opted for bibliographic and field research and in compliance with the objectives we opted for a qualitative approach. Our problem is: What are the difficulties of teachers in teaching gifted people at primary school no. 51/Kuimba? General objective: To analyze the difficulties of teachers in teaching gifted people at primary school no. 51/Kuimba. Specific objectives: To identify the types of special students at primary school no. 51/Kuimba; To mention the difficulties of teachers in the process of teaching gifted people at primary school no. 51/Kuimba; To suggest methodological actions that aim to improve the work of teachers with gifted students in the classroom. We have a sample of 8 participants. It was concluded that: the difficulties of teachers in teaching students with high abilities/giftedness are limited to inadequate training of teachers for primary education; prejudice or lack of knowledge about the specific needs of students with disabilities; the use of inadequate teaching methodologies and adapted teaching materials, without forgetting the infrastructures; It was suggested: To managers: that they hold more pedagogical days; that they encourage the family-teacher relationship to better meet the needs of their children. To teachers: that they avoid prejudice against these students; that they get to know the parents of these students to familiarize themselves with their specific needs; that they provide these students with activities that meet their intellectual needs.

Keywords: Difficulties. Teacher. Teaching. Gifted.

ÍNDICE

DEDICATÓRIA.....	II
AGRADECIMENTOS.....	III
EPÍGRAFE.....	IV
RESUMO.....	V
ABSTRACT.....	VI
INTRODUÇÃO.....	1
CAPITULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	5
1.1-Definição de termos e conceitos.....	5
1.2-Contexto Histórico do estudo das Altas habilidades/Superdotação.....	7
1.3-As Necessidades Educativas Especiais (NEE).....	8
1.4-A inclusão dos alunos com necessidades especiais em Angola.....	10
1.4.1- Educação especial em Angola	10
1.4.2- A inclusão de alunos especiais.....	11
1.4.3-O papel da escola na inclusão dos alunos com altas habilidades e superdotação	12
1.5-Mitos que podem impedir o professor em trabalhar com o aluno com superdotação	15
1.6-A realidade da prática do professor de alunos com superdotação.....	17
1.7-Dificuldades dos professores no processo de ensino de alunos com superdotação	19
1.8-A formação do professor diante de alunos com superdotação.....	22
1.9-O papel do professor na formação do aluno superdotado.....	25
1.10-O papel da família diante da criança superdotada.....	27
1.11-Estratégias metodológicas para actuação do professor no processo de ensino de alunos superdotados	32
CAPITULO II- METODOLOGIA DE PESQUISA	35

2.1-Tipos de pesquisa.....	35
2.2- Modelos de abordagem.....	35
2.3- Níveis de estruturação dos métodos.....	36
2.4- Técnicas de recolha de dados.....	37
2.5- Instrumentos e procedimentos de recolha de dados.....	37
2.6- População e amostra.....	38
2.7- Dificuldades encontradas.....	40
CAPITULO III: DISCUSSÃO E RESULTADOS.....	41
3.1- Apresentação e interpretação dos resultados.....	41
3.4- Discussão dos resultados.....	47
CONCLUSÕES	49
SUGESTÕES	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
APÊNDICES	
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

O presente trabalho visa abordar sobre as dificuldades dos professores no ensino de pessoas superdotadas, no ano lectivo de 2023 – 2024, caso particular da escola primária n.º 51/Kuimba.

A educação é um direito constitucionalmente amparado, o qual destaca-se como garantia fundamental do indivíduo, não fazendo distinção de classe social, raça, cor ou etnia, fazendo-se de uma obrigação do Estado.

Entretanto, os alunos com necessidades educativas especiais estão cada vez mais presentes nas escolas e muitas vezes desconhecidos. Existem barreiras além daquelas enfrentadas na inclusão de criança especiais no ensino geral tudo porque os professores alegam ser um desafio trabalhar com os mesmos.

Segundo Bahiense e Rossetti (2014, p. 196), “as pessoas com altas habilidades/superdotação constituem um grupo que é pouco compreendido e negligenciado, e que há poucos programas direccionados para atender suas necessidades e favorecer o seu desenvolvimento”.

Muitas das dificuldades que as pessoas com altas habilidades/superdotação geralmente enfrentam acontecem no ambiente escolar. Essas dificuldades podem envolver bullying por parte dos colegas de classe, falta de políticas escolares e também dificuldades nas relações com a equipe da escola, em especial com o professor. Este, muitas vezes, sente-se “ameaçado” com a presença desses alunos. Isso dificulta o diálogo entre os dois e pode gerar conflitos secundários que prejudicarão ainda mais esta relação.

Na verdade, se por um lado os alunos têm dificuldades os professores também enfrenta inúmeras dificuldades no processo de ensino dessas crianças, bem como a ausência de conhecimento por parte dos familiares, o que na maioria das vezes, leva os pais a crer que é um estado natural da criança.

Assim sendo, tem-se notado a recorrência de reclamações de professores acerca de alunos especiais nas salas de aula. Estas queixas dos professores, por um lado derivam do novo sistema de educação que trás consigo a inclusão destes nas salas de alunos normais quer no ensino primário bem como no primeiro ciclo do

ensino secundário, principalmente na falta de domínio de metodologias e técnicas de ensino nas turmas em que estão inseridos.

Assim, a principal motivação deste trabalho consiste em saber até que ponto, a inserção de alunos com necessidades educativas especiais com destaque para os superdotados nas salas de aula dificulta o trabalho dos professores.

Para a realização deste trabalho do ponto de vista da abordagem do problema, utilizou-se o modelo de abordagem qualitativa. Escolheu-se o método de observação e o método indutivo.

Para esta pesquisa aplicou-se, a técnica de entrevista e observação, guião de entrevista e a grelha de observação, serviram como os instrumentos de recolha de dados.

Tem-se verificado muitas recorrências de reclamações de professores acerca de alunos especiais nas salas de aula. Estas queixas dos professores, por um lado derivam do novo sistema de educação que trás consigo a inclusão destes nas salas de alunos normais quer no ensino primário bem como no primeiro ciclo do ensino secundário

Diariamente os professores dessas crianças e adolescentes inseridos nas mesmas turmas de alunos normais enfrentam várias dificuldades no ensino, principalmene na sua interação na sala de aula, a falta de metodologias adequadas e muitas vezes a utilização de recursos de ensino inadequadas.

Esta problemática de alunos com superdotação está em plena discussão na área educacional, por isso, precisa de uma atenção especial tendo em vista que, deve ser analisado e discutido, para que através do conhecimento as pessoas possam despertar para indicação e identificação dos alunos com este problema.

Tendo como foco as dificuldades dos professores no ensino de pessoas superdotadas, levantou-se a seguinte questão de Partida:

- **Quais são as dificuldades dos professores no ensino a pessoas superdotadas na escola primária n.º 51/ kuimba?**

Hipóteses

H1.: Formação inadequada dos professores do ensino primário;

H2.: Falta de metodologias adequadas para lidar com alunos superdotados;

Objectivos da pesquisa

Objectivo geral

- Analisar as dificuldades dos professores no ensino a pessoas superdotadas na escola primária n.º 51/ kuimba.

Objectivo específicos

1. Identificar os tipos de alunos especiais na escola primária n.º 51/ kuimba;
2. Mencionar as dificuldades dos professores no processo de ensino de pessoas superdotadas na escola primária n.º 51/ kuimba;
3. Sugerir acções metodológicas que visam melhorar o trabalho dos professores com alunos superdotados na sala de aula.

Delimitação e limitação

a) Delimitação

O estudo delimitou-se nas dificuldades dos professores no ensino de pessoas superdotadas.

Estudo foi realizado na escola primária n.º 51/ kuimba, num horizonte temporal 1 ano, isto é, no ano lectivo de 2024-2025.

b) Limitação

Limitou-se aos membros da direcção da escola e professores da instituição acima mencionada.

Justificativa da escolha do tema

O tema surgiu da necessidade de compreender, as dificuldades enfrentadas por alguns professores do ensino primário em turmas de alunos superdotadas. Caso observado na escola primária n.º 51/ kuimba.

O que motivou-nos a escolha deste tema é pelo facto de observarmos na escola muitos alunos especiais e queremos saber se neste grupo existem alunos com superdotação.

A sua relevância deve-se pelo facto de abordar questões pertinentes relacionadas com a superdotação as dificuldade apresentados pelos professores na transmissão dos conteúdos e na aprendizagem dos alunos. Assim, com o presente estudo pretende-se, trazer a tona as inúmeras indagações e os equívocos que permeiam as práticas pedagógicas.

A sua relevância social deve-se pelo facto de trazermos sugestões construtivas que poderão ajudar em especial aos professores que nas suas turmas têm alunos com necessidades educativas especiais com destaque para os superdotados.

Também poderá contribuir para o maior conhecimento das dificuldades dos professores e para a ampliação do referido tema no ensino geral, tendo como base teórica as ideias de estudiosos que contribuíram para esta pesquisa.

Estrutura do trabalho

Afim de melhor compreensão, o trabalho está organizado da seguinte forma:

No primeiro capítulo, aborda sobre a fundamentação teórica, onde por meio dos autores consultados definiu-se os termos e conceitos;

No segundo capítulo, trata sobre a metodologia de investigação, que conduziu a pesquisa;

Já no terceiro capítulo, apresenta os resultados obtidos na pesquisa, posteriormente as conclusões, sugestões e as referências bibliográficas que na qual nos baseamos para dar maior sustentabilidade no trabalho.

CAPITULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1- Definição de termos e conceitos

Para melhor compreensão do presente trabalho, achou-se por bem definirmos as palavras-chave que compõem o estudo, baseando-se nos autores consultados que deram seu contributo em relação ao tema em análise.

1.1.1- Dificuldades

Segundo Doron e Parot (2001), dificuldade é uma perturbação num ou mais processos envolvidos na compreensão, é o desconhecer das razões da realidade da coisa no âmbito da sua razão.

Costa (2010), refere-se a dificuldade como “qualidade do que é difícil; o que torna alguma coisa difícil; o que custa compreender; obstáculo; impedimento”.

Para Rebelo citado por Lopes (2008), dificuldades são obstáculos, barreiras ou impedimentos com que alguém se depara ao tentar realizar algo que deseja executar.

Entende-se por dificuldade é uma barreira que faz com que um indivíduo não consegue alcançar os seus objectivos.

1.1.2- Professor

Segundo Silva (2016, p. 28), professor é o indivíduo que ensina, o mediador entre o aluno e a sociedade, entre as condições de origem do aluno e seu destino na sociedade, é o facilitador da aprendizagem.

Segundo Libâneo (2006, pp. 47, 48), o professor é um cidadão cuja responsabilidade é preparar os alunos para serem Homens, cidadãos activos e participativos na família, no trabalho, na vida cultural e política.

Na opinião de Mesquita (2013, p. 28), professor “*é um ser detentor de capacidade investigativa indispensável para analisar e reflectir sobre cada situação de ensino e sobre a sua prática, durante e após a acção*”.

Entende-se por professor, o indivíduo que tem como principal missão auxiliar o aluno a ter contacto directo e indirecto com o aprendizado. Ele ensina e averigua o nível de aquisição do conhecimento.

1.1.3- Ensino

A etimologia da palavra ensino deriva de ensinar, que vem do latim *in+signare* e significa “colocar dentro, gravar no espírito”. De acordo com este conceito, ensinar é gravar ideias na cabeça do aluno (Piletti, 2004, p. 36).

Ensino é um conjunto de acções que se destinam a fornecer informações e a transmitir conhecimentos. Acto de ensinar (Dicionário de Língua Portuguesa 8ª Ed. 2008, 15).

Percebe-se que ensino é a transmissão de conhecimentos novos a indivíduos quer do modo formal ou informal.

1.1.4- Superdotado

Segundo Davis Wechsler citado por Landau (2002, p. 56), Uma pessoa superdotada é aquela que apresenta capacidade mental acima da média de inteligência, ou seja, com QI acima de 127.

Silva citado por Alencar (2001, p. 119), superdotação é uma condição em que indivíduos apresentam habilidades excepcionais em áreas como cognição, actividades, liderança ou artes, destacando-se significativamente em relação à média da população.

Segundo o Priberam dicionário, superdotado que ou quem é dotado de capacidades, geralmente intelectuais, acima do que é considerado normal.

Entende-se por superdotado a pessoa conhecida com altas habilidades em que a pessoa demonstra um desempenho excepcional elevado em uma ou mais áreas específicas, quando comparado com seus pares da mesma experiência e idade.

1.2- Contexto Histórico do estudo das Altas habilidades/Superdotação

Olhando para os tempos remotos, o reconhecimento dos superdotados ao longo da história, os primeiros registos da educação de superdotados encontram-se na Antiguidade Clássica.

Gama (2006), relata que o início da atenção ao talento data da Grécia Antiga: segundo o autor a Academia de Platão seleccionava moças e rapazes pela inteligência e desempenho físico, independentemente da classe social, e o ensino na Academia era gratuito para aqueles que possuíam talentos ou aptidões. Já em Roma a educação superior era destinada apenas aos mais capazes intelectualmente.

Na China, desde o século VII, considerava-se que a criança talentosa não se desenvolvia sem educação apropriada. No Japão, a partir do século XVII, somente as crianças oriundas de famílias com maior poder aquisitivo recebiam educação especial, fato que nos permite observar a mudança na compreensão dos cidadãos mais capazes no decorrer da história, visto que o foco se distancia dos interesses sociais e recai sobre os interesses individuais e hegemónicos.

Ainda Gama (2006) relata que, na Europa do século XX, os primeiros textos sobre superdotação e talento são datados de 1910, os quais foram publicados na Iugoslávia. Cupertino (2008) afirma que a primeira escola para alunos com inteligência superior surgiu na Holanda no ano de 1921 e, na Alemanha, William Stern formulou e introduziu o “conceito de quociente de inteligência” (QI).

Galton, na Inglaterra, realizou a primeira pesquisa para testar a inteligência. Porém, nos anos de 1960, o movimento de igualdade de direitos gerou a descrença em testes de aptidão, e numa educação especializada para os considerados superdotados, pois a diferenciação passou a ser compreendida como elitismo.

Segundo Cupertino (2008), a partir dos anos 1970, houve um crescente investimento no potencial humano por parte de determinados países da Ásia, que passaram a valorizar cada vez mais o desenvolvimento da educação para os talentos e altas habilidades, sendo hoje, um continente onde há significativa preocupação com o estímulo das potencialidades humanas.

Cupertino (2008), relata que nos Estados Unidos, o processo de atenção às altas habilidades além de ter sido vagaroso, era exceção no século XIX. Afirma que a primeira medida pedagógica nesta área só foi adotada em 1862, permitindo aos alunos superdotados a aceleração da aprendizagem, ou seja, desenvolveu-se, mais precisamente, por causa da Guerra Fria, momento em que Louis Terman começou a medir o Q.I com o teste Stanford-Binet, e Leta Stetter Hollingworth, defendia a educação diferenciada para os altamente habilidosos.

Portanto, é importante destacar que, em 1957, com o lançamento do foguete Sputnik pela União Soviética, o avanço tecnológico evidenciado fez com que o governo americano se sentisse ameaçado. Em resposta, passou a financiar pesquisas que visam à identificação e ao incentivo de talentos nas áreas de interesse nacional (Renzulli, 2004).

Na sequência, os anos de 1960 e 1970 trouxeram a decadência dos programas destinados aos estudantes mais capazes em razão da centralização da opinião pública na igualdade de direitos, porém, o interesse na educação dessas pessoas não se extinguiu por completo, pois era entendida como uma maneira de garantir a liderança e a soberania nacional (Gama, 2006)

1.3- As Necessidades Educativas Especiais (NEE)

Ao falar de necessidades educativas especiais tem-se notado que o conceito não é consensual. Os diferentes processos de reforma de um modo geral, representam uma sequência das diretrizes internacionais, sendo o Relatório Warnock publicado em 1978, um pilar importante sobre o assunto em abordagem (Bautista, et al., 2007).

Assim sendo, o relatório Warnock citado por Bautista, et al., (2007), o qual deve o seu nome ao reconhecimento do trabalho desenvolvido pela presidente da comissão Helen Mary Warnock, não só introduziu o conceito de Necessidades Educativas Especiais (NEE), como explicou que a existência de uma deficiência, não resulta obrigatoriamente em dificuldades de aprendizagem.

Esta nova abordagem vem dar destaque a que não faz sentido assentar políticas ou estratégias com base na premissa de dicotomia entre deficientes e não deficientes.

Neste sentido, o juízo de pessoa com deficiência deixa de estar focado na dependência e na incapacidade, para se centrar na participação e na autonomia do indivíduo. O relatório marca uma mudança de paradigma e defende que a existência de uma deficiência não implica forçosamente uma dificuldade de aprendizagem.

Em termos conceptuais define que um aluno com necessidades educativas especiais, é só aquele que seja de uma forma temporária, seja de uma forma permanente, necessita de ajuda específica para alcançar os objectivos de aprendizagem Warnock citado por (Bautista, et al., 2007).

Esta nova visão da deficiência minimiza a sua existência nos processos de aprendizagem e obriga a alargar horizontes sobre o conceito de necessidades educativas especiais. Assim, este último, passa a englobar os alunos que detenham uma deficiência e em simultâneas dificuldades de aprendizagem, mas também independentemente da causa todos os que revelam carências ao nível da aprendizagem e que necessitam de um apoio específico (Bautista, et al., 2007).

Tendo em conta o exposto no parágrafo anterior o foco da problemática deixou de ser a deficiência e passou concentrar-se nas necessidades individuais de cada aluno. Esta nova abordagem irá despoletar novas perspectivas de análise e será o mote para a Conferência Mundial de 1990, realizada na Tailândia, a qual irá ver nascer a “Declaração Mundial Sobre Educação Para Todos”.

A educação para todos, tendo em consideração o que representa, emerge como um dos maiores desafios do sistema escolar, independentemente do país. Obviamente que as dificuldades e constrangimentos vivenciaram e vivenciam graus de intensidade diferente, mas em qualquer situação pela complexidade inerente, serão sempre um desafio. Qualquer processo de mudança, rompe com o que está instalado e obriga a abandonar uma certa zona de conforto, muitas vezes cristalizada no tempo.

A escola para todos, pretende introduzir, não só em termos práticos, como também conceituais, um corte com o modelo tradicional, dando início a um conceito de escola disponível para abraçar a diferença, independentemente da sua origem, salvaguardando, contudo, que se por um lado, as minorias devem encontrar respostas adequadas, não é plausível, não salvaguardar as respostas das maiorias.

Esta nova óptica pretende o respeito por todos e não o retrocesso a categorias e estereótipos, pretende-se alcançar benefício para todos, e não correr o risco de passar a fazer a diferença entre minorias e maiorias (Bautista, et al., 2007).

Sendo fiel ao pensamento de Warnock, cumpre destacar que o seu trabalho ultrapassa a contextualização de “necessidades educativas especiais”, dado que realça que o mais importante em qualquer intenção de integração é o recurso a medidas que minimizem todos os efeitos de uma potencial separação ou diferença.

Não se deve separar, mas unir, e por isso, colocar o aluno no ambiente mais adequado de uma forma natural Warnock citado por (Bautista, et al., 2007).

1.4- A inclusão dos alunos com necessidades especiais em Angola

1.4.1- Educação especial em Angola

Angola é um país que tem uma população maioritariamente composta de jovens e crianças dados constatados partir do censo realizado em 2014 pelo Instituto Nacional de Estatística.

Sabendo que vivemos em uma sociedade em desenvolvimento em que ser criança ou jovem, com alguma deficiência não é fácil. Geralmente em Angola, as crianças e jovens com alguma deficiência enfrentam vários preconceitos, sejam culturais, sociais ou religiosos, isso tem influenciado na sua integração na sociedade.

Apesar da paz, ainda se vive com o pensamento marcado e dilacerada pela guerra e pela escravatura do colonizador, embora haja uma evolução no modo social de ver a criança com necessidades especiais. Mas há ainda algumas crenças religiosas, mais evidentes nas zonas suburbanas e rurais, ao preconceito, violência,

discriminação, negligência, exploração, marginalização ou exclusão dessas crianças e até mesmo das suas famílias.

Com a independência e a paz, o governo deseja construir uma nova Angola um país que não existe desigualdade, onde não há pobre nem rico, livre nem escravo, branco nem negro, uma sociedade em que todos têm o direito a educação especialmente as pessoas com alguma deficiência. Pois o país, por ser membro da Assembleia Geral das Nações Unidas, Angola aderiu à Convenção sobre os Direitos da Criança no ano (1990). Onde a educação formal tornou-se um dos direitos universais da criança.

A modalidade de Educação Especial surge como proposta educativa para os cidadãos com necessidades educativas especiais (NEE), conforme veremos a citação a seguir:

De acordo com o director do INEE, em 2004 começou em Angola um processo de integração escolar, apenas com 4 escolas, e em 2015 eram mais de 800 estabelecimentos, em que alunos com NEE aprendem em turmas regulares. A dificuldade, causada pela crise, na aquisição de materiais escolares e a formação de professores são obstáculos a uma maior realização da inclusão (Instituto Nacional para Educação Especial. 2003. p. 3)

1.4.2- A inclusão de alunos especiais

A educação em Angola tem vindo a se transformar num serviço cada vez mais presente no quotidiano das comunidades e acessível a quase todas as crianças em idade escolar capazes e que desejem frequentar o ensino regular.

Esta realidade não pode ser transposta para as crianças ou jovens com necessidades educativas especiais em virtude de estarmos perante panoramas diferentes.

Assim, só nos últimos anos é que se tem vindo a fazer um esforço maior, relativamente à Política Nacional de Educação Especial Orientada para a Inclusão Escolar (Decreto Presidencial nº 187/17 de 16 de Agosto).

Para tornar o ensino especial mais inclusivo a nível nacional, as autoridades angolanas têm vindo a apostar na formação de quadros e no trabalho com as famílias, e segundo os últimos dados estatísticos referentes ao ano de 2015, disponíveis pelo INEE sobre a rede escolar existiam em funcionamento 22 escolas especiais e 816 escolas comuns que ofereciam a modalidade da educação especial, realidade que em 2018 passou para 20 escolas vocacionadas para o subsistema de ensino especial e 4.262 escolas do ensino geral disponíveis a receber a inscrição de alunos com necessidades de cuidados educativos especiais (Bahense & Rossetti 2014).

Obviamente, que ainda existe um grande caminho a percorrer a nível de todo o país.

Tendo como base que estamos perante um sector que necessita de incorporar a mudança das sociedades e a evolução tecnológica é crucial ter presente que o objectivo dos processos de aprendizagem deve ter como horizonte o desenvolvimento de capacidades e competências pessoais e profissionais, o que cruza a importância de compreender o projecto político, pedagógico e os currículos, como refere (Rech & Freitas 2012, p. 17).

Para estes autores a educação deve transmitir, de facto, de forma maciça e eficaz, cada vez mais saberes e saber-fazer evolutivos, adaptados à civilização cognitiva, pois são as bases das competências do futuro.

1.4.3- O papel da escola na inclusão dos alunos com altas habilidades e superdotação

A Inclusão escolar no nosso país ainda é uma inovação, se iniciando a partir da década de 90, pelo desenvolvimento de um novo modelo democrático de educação e pela formulação de leis para fundamentar e exigir que todas estas ideias e conceitos fossem postos em prática.

Essas novas Leis reflectiram em exigência de mudança dos sistemas educacionais já existentes. Dentre estas mudanças, buscava-se exactamente desfazer com um modelo educacional excludente, por ignorar as diferenças de seus

alunos e, não elaborar nenhuma metodologia pedagógica educacional para dar conta dos mesmos.

De acordo com Carvalho citado por Gama (2007, p.36):

O conceito de escolas inclusivas pressupõe uma nova maneira de entendermos as respostas educativas que se oferecem, com vistas à efetivação do trabalho na diversidade. Está baseado na defesa dos direitos humanos de acesso, ingresso e permanência com sucesso em escolas de boa qualidade (onde se aprende a aprender, a fazer, a ser e a conviver), no direito de integração com colegas e educadores, de apropriação e construção do conhecimento, o que implica, necessariamente, em previsão e provisão de recursos de toda a ordem. E mais, implica, incondicionalmente, na mudança de atitude frente às diferenças individuais, desenvolvendo-se a consciência de que somos todos diferentes uns dos outros e de nós mesmos, porque evoluímos e nos modificamos.

Tendo em conta o exposto acima, a escola inclusiva prevê, uma reorganização da educação procurando providenciar estratégias e métodos para que possa se concretizar o atendimento a todas às crianças incluindo com que têm necessidades especiais. E assim ocorre de forma igualitária a inclusão escolar em todas as instituições de ensino.

De acordo com a Declaração de Salamanca (1994, p.15):

[...] as escolas devem acolher todas as crianças com suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiências e crianças bem dotadas, crianças que vivem nas ruas e que trabalham crianças de populações distantes ou nômadas, crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas.

Percebe-se, no entanto, que a instituição escolar possui um papel preponderante, tanto quanto acolhedor dentro dessa proposta de educação inclusiva, propiciando aos alunos com necessidades especiais o acesso igualitário a rede regular de ensino.

Entretanto, as escolas ainda não estão adequadamente preparadas para que haja a inclusão total, podendo haver algumas lacunas devido a formação e as condições que estas instituições podem vir a oferecer.

Assim sendo, nota-se que o papel da escola deve priorizar as políticas escolares, reconhecendo e considerando sua clientela em sua diversidade.

O papel da escola também está em subsidiar a elaboração de propostas pedagógicas inclusivas, e principalmente ofertando programas de formação continuada para professores, e dessa maneira se dará uma melhor aprendizagem

atendendo e priorizando as necessidades e especificidade de cada aluno de forma individual.

Segundo a Declaração de Salamanca (1994 p. 11-12):

O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades. É preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola.

Sendo assim, compreende-se que a escola deve adequar seu currículo em função do contexto a fim de atender necessidades locais, e priorizando a formação contínua específica de seus profissionais da educação para que haja o processo inclusivo adequado, ficando claro que todos os alunos com necessidades educacionais especiais, em especial os superdotados, não possam sofrer com a exclusão, pois, a LBSE de 13/1 de 31 de Dezembro prévia já no art. 43º alínea f) a criação de condições para o atendimento dos alunos superdotados.

Com isso, os alunos com altas habilidades e superdotados, amparados, portanto, pela legislação, necessitam de acções diferenciadas a fim de garantir o seu desenvolvimento escolar. No entanto, a LBSEE aponta que tais alunos sejam atendidos em classes comuns em todos os subsistemas de ensino.

Portanto as mudanças são fundamentais para que ocorra a inclusão, mas exige esforço de todos, possibilitando que a escola possa se mostrar como um ambiente de acolhimento e um clima sócio afectivo chegando à construção de conhecimento e valorização de habilidades e potencialidades, deixando de existir a discriminação de idade e capacidade.

No entanto, a educação deverá ter um carácter amplo e complexo, favorecendo a construção do conhecimento ao longo da vida, e todo aluno, independente das dificuldades e necessidades especiais, poderá beneficiar-se dos programas educacionais, desde que sejam abertas as oportunidades adequadas para o desenvolvimento de suas potencialidades. Isso exige do professor uma mudança de postura além da redefinição de papéis que possa assim favorecer o processo de inclusão.

Quem aceita o processo de inclusão também acredita que todas as pessoas com necessidades especiais possuem possibilidades de se desenvolver e se integrar no convívio com demais pessoas “ditas normais” e assumir seu papel de cidadão. A escola inclusiva deve além de acolher essas pessoas e dar oportunidades de ter uma educação de qualidade, integrando esse aluno a sociedade.

1.5- Mitos que podem impedir o professor em trabalhar com o aluno com superdotação

Das pesquisas bibliográficas que se realizou, constatou-se que existem muitos mitos com relação aos alunos superdotados que causam diversas reacções. Quando esses mitos são creditados pelas pessoas que estão mais próximas desses sujeitos, as consequências são piores, pois isso dificulta vários pontos com relação à ajuda que pode ser oferecida a eles.

Rech e Freitas (2012, p. 05) confirmam tal sentença ao afirmarem que pelo fato do professor não conseguir separar o mito da realidade com relação ao aluno com superdotação, ele sofre prejuízos em sua educação.

De acordo com os autores o professor não saberá agir caso esteja indeciso sobre a situação real do aluno, assim sendo, é importante que se comprove a condição do aluno para a sua actuação.

Os mitos citados pelos autores foram variados. Por exemplo, Pérez (2004, p. 45) divide os mitos em sete categorias:

- a) Mitos sobre constituição, que vinculam as características da PAH (Pessoas com Altas Habilidades/Superdotação) a possíveis origens ou a características físicas ou de personalidade;
- b) Mitos sobre distribuição, que adjudicam distribuições particulares das AH/SD na população;
- c) Mitos sobre identificação, que buscam justificarem a omissão desta necessidade;

- d) Mitos sobre níveis ou graus de inteligência, originados de equívocos sobre este conceito;
- e) Mitos sobre desempenho, que repassam às PAHs, expectativas e responsabilidades descabidas e irreais;
- f) Mitos sobre consequências, que atribuem às PAHs resultados que dependem de características de ordem psicológica ou de personalidade;
- g) Mitos sobre atendimento que, muitas vezes, são a causa da precariedade ou ausência de um atendimento eficiente para esta população.

Valentim, Vestena e Neumann (2014, p. 714), destacaram os mitos que dizem respeito ao atendimento especializado. As pessoas que possuem determinada crença acreditam que *“os estudantes que vão bem não precisam de atendimento especializado e que quem tem superdotação sempre se evidenciam em forma de elevado desempenho intelectual.”*

Para os autores a atenção do professor recai ao estudante com debilidades ou fraco aproveitamento já o aluno com superdotação não precisa visto que, evidencia em forma de evado o desempenho intelectual.

Já Alencar (2013, p. 07) aponta que a crença a respeito da não necessidade de atendimento especializado aos alunos com superdotação existe por estes apresentarem habilidades elevadas.

Muitas pessoas também acreditam que o aluno com superdotação é capaz de oferecer a si próprio um ambiente especial, sem necessidade de uma atenção voltada por parte da família, dos professores e gestores das escolas, já que “ele sabe de tudo”.

Veiga, Grande e Grochoski (2013, p. 26) abordam também que muitas pessoas acreditam que “todo superdotado tem bom desempenho escolar”. Isso foi destacado também por (Rech e Freitas 2005); (Bahense & Rossetti 2014)

Percebe-se que os professores acreditam que estes alunos são os melhores ou seja “nota 10 em tudo”. É uma ideia deturpada e errônea, pois o aluno com

superdotação pode não apresentar bom desempenho escolar, apresentando dificuldades em determinadas disciplinas em função da sua maior inclinação.

Com relação ao assunto, Azevedo e Mettrau (2010, p. 39), são de opinião que os professores que possuem tal crença “não consideram a importância do ambiente educacional na trajetória de vida destes alunos.”

Pode-se perceber então, que os mitos ainda estão muito presentes nas nossas escolas públicas ou público privadas principalmente aos professores devido a falta de conhecimento sobre o assunto. Estes devem ser desmistificados para que diminuam os estereótipos dados aos alunos com superdotação ou mesmo com altas habilidades, como “gênio”, “independente” assim como para facilitar o ensino a esses estudantes e evitar fenômenos como o bullying.

1.6- A realidade da prática do professor de alunos com superdotação

De acordo com os achados, que o relacionamento dos alunos com superdotação e o professor trata-se de uma interação onde podem surgir comportamentos negativos, que acarretam conflitos Veiga et al., (2013).

O mesmo autor declara que tal fato pode ocorrer porque estes alunos “desafiam os professores em sua rotina diária em sala de aula” Veiga et al., (2013, p. 27).

Mattei (2008, p.75), declara que “os alunos com altas habilidades ou superdotação põem em prova o conhecimento e autoridade do professor estabelecendo uma relação de conflito entre o poder disciplinar e o saber”. Os conflitos podem acontecer porque esse estudante entende, aprende e estuda de maneira diferente.

Na verdade é um dos maiores conflitos que existem com estes alunos visto que, o professor acha dos alunos superdotados como indisciplinados e querendo desafiar a autoridade do professor na sala de aula.

Alencar (2013, p. 02), contribui mostrando que “o ensino regular é direccionado para o aluno médio e abaixo da média, e o superdotado (...) é visto com suspeita por professores que se sentem ameaçados diante do aluno que

questiona, que os pressiona, muitas vezes, com suas perguntas”. Ele sempre está instigando o professor.

Assim, esse último pode achar que ele está querendo mostrar que sabe mais que ele. Como consequência, alguns professores chegam a não incluir esses alunos nas actividades propostas e podem chegar a influenciar os outros alunos, de maneira indirecta, a não aceita-lo, provocando sentimentos como rejeição e menosprezo, ou até isolamento (Rech & Freitas 2012, p. 3).

Muitos destes professores não tiveram uma formação adequada, Veiga et al apud Mattei (2008, p. 10-11) confirma tal ponto ao declarar que “o tema das altas habilidades/superdotação é ainda pouco discutido em nosso contexto com destaque para nossas universidades. Muitos saem de seus cursos sem terem a oportunidade de conhecer esta área tão importante do desenvolvimento da criança.”.

Para o curso de pedagogia por exemplo, existe a cadeira de Necessidades Educativas Escolar que teriam aprofundado esse assunto, mas é tratado de forma superficial e quando chegam na prática isto é, nas salas de aula encontram outra realidade.

Na perspectiva de Barros e Leal (2014, p. 112) parece haver uma “lacuna na formação dos professores com relação à educação inclusiva e educação especial”.

É preciso, assim, que aconteçam melhoras nas grades curriculares dos cursos de licenciatura, dando um enfoque para que os professores não só saibam o que são as altas habilidades/superdotação, mas que também saibam como auxiliar no processo de identificação e ter recursos para explorar o potencial desses estudantes.

O professor é essencial no processo de identificação desses estudantes, pois ele proporciona o encaminhamento deles para o serviço especializado. Com respeito a isso, vale ressaltar que muitos professores acabam encaminhando esses alunos para uma avaliação psicológica, temendo que sejam hiperactivos ou com algum distúrbio de aprendizagem (Rech e Freitas, 2012, p. 5).

Isso se deve a tendência que há de mais patologizar esse sujeito do que ajuda-lo efectivamente. Ele pode receber um diagnóstico errado do profissional que

vai o avaliar, podendo até ser medicalizado, sendo que não há necessidade iminente para tal atitude.

Também nota-se que alguns professores não se preocupam com o lado afectivo desse aluno.

Valentim et al (2014, p. 720), comentam que “quando se negligencia a vida afectiva de crianças com superdotação ou outras habilidades, pode-se contribuir para que elas venham a desenvolver dificuldades nos relacionamentos interindividuais e afectividade na vida adulta.”

Portanto, há muito que precisa ser melhorado com relação à preparação desse professor para lidar com os alunos com Altas Habilidade ou Superdotação. Essa melhoria não diz respeito só aos aspectos teóricos com relação ao conhecimento desta área, mas um preparo pessoal, emocional e afectivo.

1.7- Dificuldades dos professores no processo de ensino de alunos com superdotação

A prática docente é permeada por desafios, e estes amplificam-se ainda mais no tocante ao processo de inclusão de um educando que apresenta necessidades educacionais especiais, como é o caso daquele que possui AH/SD. Assim, são várias as adversidades perpassadas pelo professor no processo de inclusão deste aluno, dentre elas destaca-se a escassez de sala de recursos. Nessa acepção:

[...] o desempenho de alunos com altas habilidades/superdotação (AH/SD) é comprometido pela falta de acompanhamento adequado, sem profissionais preparados para trabalhar com estes jovens. Outras vezes, é oferecido de maneira inadequada, sem recursos suficientes [...]. Deve-se considerar que cada aluno é diferente e apresenta singularidades no espaço escolar (Piske; Stoltz, 2012, 151).

Segundo o que foi exposto pelo autor, existem vários entraves que englobam a falta de professores formados a escassez de recursos pedagógicos para se trabalhar com o aluno com superdotação; recursos estes que deveriam estimular e impulsionar o seu desenvolvimento na sala de aula.

No nosso contexto, os professores do ensino primário colocados nas escolas públicas em muitos casos são adaptados, onde muitas vezes nem conseguem

identificar as necessidades de um aluno, com falta de dinamismo para seleccionar os recursos de ensino adequados.

Contudo, importa salientar o quão importante é que se tenha não somente os recursos isolados, mas sim, a existência de uma sala de recursos para atender este público tão peculiar. Desse modo, Mori e Brandão descrevem que:

A Sala de Recursos (SR) consiste num serviço de apoio pedagógico especializado, de carácter diversificado, oferecido pela escola regular, no período contrário àquele em que o aluno está matriculado na série que frequenta. Conta com um professor especialista em educação especial em um espaço físico (sala de aula) apropriado e equipado com os instrumentos e materiais necessários para o desenvolvimento das actividades previstas (Mori; Brandão, 2009, p. 486).

Percebe-se que, o referido serviço de apoio especializado descrito pelo autor, caracteriza-se pelo seu carácter de suplementação e/ou enriquecimento dos conteúdos escolares advindos do currículo formal, assim como de temáticas que não estão inseridas nos currículos tradicionais, mas que sejam consideradas oportunas pelos educadores e de interesse dos educandos. Neste sentido, o professor precisa familiarizar-se com a realidade de cada aluno para saber o interesse de cada um.

A nossa realidade quase que não se vê isso. É algo que poderia ajudar os alunos a melhorar o seu aproveitamento, devidas as actividades específicas que o professor irá implementar para estes alunos.

Desse modo, as actividades desenvolvidas neste ambiente, podem ser realizadas de forma individual e/ou colectivo, tudo dependerá das necessidades do aluno e dos objectivos pedagógicos a serem alcançados (Mori; Brandão, 2009, 490).

Reitera-se ainda que as actividades a serem realizadas neste espaço educativo, necessitam considerar o estilo de aprendizagem, as habilidades, competências e interesses pertinentes a cada aluno.

Logo, este processo de aprendizagem transcende o mero ensino de conteúdos curriculares preconizados na educação formal, uma vez que a sala de recursos deve estar direccionada para o desenvolvimento de pesquisas e actividades que instiguem os educandos com AH/SD a desenvolverem o seu potencial de forma plena (Mori; Brandão, 2009).

Nessa perspectiva, a utilização de uma metodologia diferenciada, cujo enfoque resida em práticas pedagógicas que atendam, adequadamente, às

necessidades específicas dos alunos com superdotação, contempla, a pauta de reivindicações em prol de uma escola inclusiva e democrática para todos (Mori; Brandão, 2009).

Dessa forma, um outro desafio que o professor se depara no decorrer da sua prática pedagógica é relativa à sua precária formação docente. Logo, *“Ressalta-se, portanto, a importância de se incluir na formação inicial e continuada dos professores informações sobre superdotação e aceleração, de forma que um número maior de alunos com alto potencial possa ser atendido conforme suas necessidades”* (Maia-Pinto; Fleith, 2015, p. 196).

Corroborando com esta proposição, elucida-se que:

[...] nem sempre professores têm tido acesso à informação actualizada, embasada em teorias, modelos e resultados de pesquisas na área de altas habilidades, talento e criatividade. Muito do que é divulgado sobre o tema na televisão, nos jornais e nas revistas é superficial, enviesado e estereotipado e muitas vezes, incorrecto. Isso produz concepções inconsistentes e confusas acerca das altas habilidades [...] (Fleith; Alencar, 2007, p. 9).

Para o autor, é importante que se invista na formação dos professores este processo pode começar com a implementação de novas políticas de formação de professores que a nível médio bem como nos cursos de licenciatura, e continuada para que a partir desses conhecimentos, facilite-se a identificação do aluno superdotado, bem como instigar a promoção do atendimento educacional especializado para este aluno matriculado nas mais diversas escolas do país.

Ressalta-se, que sem a existência de professores qualificados torna-se inviável a identificação e a promoção do atendimento educacional aos alunos com superdotação nas instituições de ensino quer pública bem como em escolas privadas de todo o país.

Uma outra dificuldade tem a ver com currículo. Desse modo, torna-se incumbência do educador, em face da diversidade de estilos de aprendizagem no âmbito da sala de aula, saber reconhecer as estratégias pedagógicas adequadas para atender cada educando, tendo ciência de que cada um possui formas e tempos diferentes para aprender.

A LBSEE 32/ 20 no seu art. 85º no 3 descreve que:

A modalidade de educação especial requer a adequação e a adaptação de currículos, programas de ensino, regime de avaliação das aprendizagens e demais dispositivos educativos afins, as particularidades dos alunos (LBSEE 2020).

Para tanto, faz-se fundamental que o professor esteja ciente de que dentre as decisões a serem tomadas, adaptar o currículo e contextualiza-lo torna-se prioridade, uma vez que a partir disso, torna-se possível vislumbrar um ensino mais individualizado e significativo para o aluno.

Nessa acepção, elucida-se o art. 83º da LBSEE 32/20, em que se preconiza:

Art. 83º. A educação especial é uma modalidade de ensino transversal a todos os subsistemas de ensino e é destinada aos indivíduos com deficiências e os educandos com altas habilidades, superdotados, talentosos e autistas, visando a sua integração sócio-educativa (LBSEE 2020).

Vale referir que, a partir disso, compreende-se as principais dificuldades que o professor se depara na sua actividade diárias nas salas de aula no que se refere ao processo de inclusão do aluno superdotado.

É importante ressaltar que estas dificuldades ou desafios não podem ser considerados como barreiras intransponíveis, no exercício da sua prática, mas sim como um meio de superação e alcance de resultados esperados.

Assim sendo, torna-se salutar versar-se acerca das estratégias educacionais a serem desenvolvidas com o educando que possui as altas habilidades e superdotação.

1.8- A formação do professor diante de alunos com superdotação

A formação enquanto processo de aprendizagem tem de ter em consideração as modificações que opera por via da aquisição de novos conhecimentos ou consolidação dos existentes. Neste sentido, a concepção dos programas de formação tem de ser contextualizada, não apenas numa perspectiva de preenchimento de competências técnicas, mas também comportamentais, respeitando os diferentes tipos de saberes, as formas de aquisição e a função.

Efectivamente, ao longo dos últimos anos, muitos têm sido os debates sobre o papel do professor à luz dos novos desafios em geral, e em particular sobre a inclusão tendo autores como Bahiense e Rossetti (2014), salientando que a forma como um professor desempenha a sua actividade, as suas atitudes e comportamentos são factores decisivos para o sucesso de práticas inclusivas.

Também Nóvoa (2009), destaca a importância da criação de um novo olhar sobre o papel de professor e da sua aprendizagem, salientando a componente pessoal e o efeito que a mesma tem em termos de valores, personalidade e compromisso pessoal.

Os professores são pessoas de corpo inteiro, e a sua actividade não se exerce numa abordagem de contratar apenas um braço, ou uma perna, porque o corpo vem sempre junto.

Neste contexto, os sucessos dos ideais de inclusão dependem da sabedoria dos professores, mas também das competências para ensinar (Maia-Pinto; Fleith, 2015, p. 67).

Um dos grandes desafios que se deve colocar ao abordar a problemática da formação de professores para os alunos com superdotação é a complexidade que envolve o desempenho de funções de docência e por conseguinte, é importante reflectir nos contributos disponibilizados pelas inúmeras conferências internacionais (Agência Europeia, 2010).

De um modo geral, existe uma certa unanimidade em que o sucesso da educação inclusiva passa pela forma como é ministrada a formação aos futuros professores, o apoio em termos de formação disponibilizado para quem já exerce, e a qualidade com que ambas as formações são ministradas.

A abrangência de competências e saberes para exercer a actividade de professor também é um factor crucial e reconhecido como questão essencial para legitimar a profissão em ambiente inclusivo.

De acordo com o relatório mundial sobre a deficiência publicado pela Organização Mundial da Saúde em 2011, para que seja profícuo em termos gerais

de aprendizagem, o ensino inclusivo e necessário trabalhar competências dos professores do ensino regular e isso só é possível com formação (OMS, 2011).

Para este organismo, a concepção de programas de formação deve ter em consideração a necessidade de incorporar os valores e princípios que suportam os ideais da inclusão, e adverte que a prática profissional reflecte, não só conhecimentos, capacidades e competências, como também comportamentais (OMS, 2011).

Bahiense e Rossetti (2014), argumentam que enquanto não se conseguir ensinar na verdadeira asserção da palavra, uma pedagogia e uma atitude que mova comportamentos na defesa do desenvolvimento de todos os alunos não é possível alcançar uma filosofia inclusiva.

Este aspecto tem sido muito abordado pela Agência Europeia para as Necessidades Especiais (Agência Europeia, 2018), a qual enuncia como prioridade no âmbito desta problemática a importância, mas também, a necessidade de preparar os professores através de formação para leccionar em ambiente inclusivo.

Qualquer linha de orientação nesta matéria implica, inevitavelmente, uma redefinição da política educativa, designadamente ao nível dos modelos e das estruturas dos programas de formação dos professores, mas também, uma mudança de atitude dos professores e outros profissionais face à concepção de educação para todos (Agência Europeia, 2018).

Anastasiou e Kauffman (2012) defendem que a ideia de que a maioria ou todos os professores podem estar ou ser preparados para responder às necessidades de todos os alunos inseridos na educação regular é assustadoramente ingénua, apesar de ser sedutora. Na verdade, o futuro que vier a ser construído depende do que está a ser feito no presente.

Para Maia-Pinto; Fleith, (2015, p. 98) o papel do professor é tão crucial que nenhuma nação se pode dar ao luxo de ignorá-lo.

No entanto, a qualidade da educação não pode ser alcançada sem professores devidamente preparados, confiantes e motivados, aos quais são disponibilizados os recursos necessários para que garantam o cumprimento dos

propósitos de resultados equacionados, os quais implicam que todos os alunos tenham experiências ganhadoras e obtenham benefícios de aprendizagem efectivos.

1.9- O papel do professor na formação do aluno superdotado

Em angola, a criança com necessidades educativas especiais tem garantido por lei seu acesso ao ensino regular, podendo esse necessitar de adequação e adaptação dos currículos, programas de ensino, regime de avaliação das aprendizagens.

Esta modalidade de ensino está plasmada na LBSEE (2020), ela é transversal a todos os subsistemas de ensino e é destinada aos indivíduos com deficiências e os educandos com altas habilidades, superdotados, talentosos e autistas, visando a sua integração socioeducativa (art. 83º).

De acordo a LBSEE (2020), a sua forma de organização do processo de ensino aprendizagem, permitem assegurar aos indivíduos com necessidades educativas especiais (autistas e com altas habilidades, superdotados e outros) o alcance dos objectivos educativos dos diferentes subsistemas de ensino.

Sobre o papel do docente Carvalho citado por Gama (2007, pp.137-138), nos relata:

O mundo em que vivemos exige que os educadores desempenhem papéis que vão muito além de transmitir conhecimento e cultura. Assim, nesta fase de evolução histórica de paradigmas, não podemos nos limitar a repensar a educação especial, como se sua inexistência pudesse solucionar todos os problemas das escolas. A proposta inclusiva requer outro tipo de mudanças, muito mais ampla, envolvendo a educação como um todo.

Percebe-se que, embora seja uma modalidade considerada especial devido ao tipo de alunos, espera-se que os professores traçam objectivos no qual cria um ambiente propício para o desenvolvimento do aluno, encorajando-o a desenvolver ideias e acções, apoiando-o constantemente no seu fracasso ou progresso escolar.

Sabatella e Cupertino (2007) relatam que os educadores possuem a responsabilidade de modificar os padrões de educação e, dessa forma, elevar os padrões de ensino de todos os alunos, já que na sua busca por novas metodologias para atender os alunos superdotados, poderá, na maioria das vezes, aplicar tais metodologias aos demais alunos.

Ao buscar informações sobre métodos inovadores de ensino e procedimentos indicados para alunos com altas habilidades/superdotados, os professores aprenderão melhores técnicas de planejamento e implantação de estratégias adequadas, afetando a escola como um todo. (Sabatella e Cupertino, 2007, p.79)

Nesse sentido, o professor se compõe como a pessoa dinâmica e versátil, capaz de impulsionar o desenvolvimento dos alunos e a interação tanto no aspecto escolar quanto no aspecto social, pois, um professor dedicado e preocupado com a aprendizagem dos seus alunos, busca aprendizado e capacitação para que seu trabalho se desenvolva de forma a oferecer uma aprendizagem eficaz e direcionada as necessidades de cada aluno na turma, proporcionando melhor integração e socialização entre os envolvidos.

Assim sendo, Alencar citado por Delou (2007), recomenda, que cada professor reflita no seu trabalho desenvolvido e do que poderia fazer no sentido de operacionalizar os seus objectivos na sua prática docente, tais como: Ajudar o aluno a desenvolver ao máximo os seus talentos e habilidades; Fortalecer um autoconceito positivo, propiciando experiências de sucesso para todos os alunos e fazendo com que eles percebam os seus “pontos fortes”; Ajudar o aluno a desenvolver bons hábitos de estudo; Incrementar a motivação do aluno, utilizando estratégias diversas para despertar e alimentar o interesse, e mesmo a expansão dos interesses do aluno; Respeitar o ritmo de aprendizagem do aluno; Incrementar um clima de aprendizagem que faça com que o aluno se sinta valorizado, respeitado e estimulado a dar o melhor de si.

Tendo em conta o nosso contexto, pede-se que também deve-se:

- Priorizar a dimensão afectiva (sentimentos e valores) além de contribuir para o desenvolvimento social do aluno e a educação do carácter;
- Propiciar condições mais favoráveis ao desenvolvimento do potencial criador de cada aluno, tanto pelo fortalecimento de traços de personalidade que se associam à criatividade, como autoconfiança, iniciativa, flexibilidade, persistência, quanto encorajando e possibilitando o exercício do pensamento criativo;

- Criar estratégias educacionais que encorajem o estudo independente do aluno e a investigação no contexto do conteúdo específico do currículo que estiver sendo tratado;
- Permitir uma aprendizagem mais profunda em tópicos seleccionados pelo aluno em áreas específicas de estudo.

No entanto, alguns professores actualmente se fecham no conformismo ou medo de trabalhar com o diferente/criatividade no qual o aluno superdotado acaba se transformando em uma ameaça para sua prática pedagógica.

Por esse motivo, Holetz (2004) crê em um professor valorizador e incentivador das habilidades do aluno superdotado, que desenvolva o seu potencial, ao invés de apenas conviver com ele, estabeleça um método de cooperação pelo qual o aluno expresse suas ideias, coloque seu ponto de vista, faça perguntas e traga mais conhecimento para a sala de aula.

Para a criança com necessidades educativas especiais, não importa o qual o nível de comprometido um governo possa ser com relação à inclusão e quais são os projectos criados por ele, e sim suas experiências vividas diariamente em sala de aula dentro do contexto escolar.

No entanto, as formas através das quais as escolas promovem a inclusão e previnem a exclusão constituem o cerne da qualidade de viver e aprender experimentado por todas as crianças.

Comenta-se a falta de recursos nas escolas para trabalhar com estes alunos, mas como já se frisou, o professor não deve ser estático mas sim criativo e inovador.

1.10- O papel da família diante da criança superdotada

A família é o primeiro contacto social que o individuo faz logo ao nascer, essa interacção homem e meio se torna muito importante para o desenvolvimento social do ser humano. Além disso, a família é a transmissora dos valores culturais, sociais e conhecimentos em geral ao longo do tempo.

Assim, um ambiente familiar do superdotado, para Winner citado por Arantes (2008), rico em estímulos e experiências é propício para o seu desenvolvimento.

Para que isso seja possível, uma família que conta com um membro superdotado, o centro das acções familiares aliado à constante interacção como perguntando e respondendo questões de interesse dos filhos, levando problemas lógicos, incentivando a leitura e, sobretudo, interagindo com este para um bem comum.

Segundo Aspesi (2007, p.31):

A interacção entre a família e um membro com altas habilidades/superdotação deve ser sempre considerada como uma via de mão dupla, visto que a família é um ambiente de interacção e influências bidireccionais. Por um lado, a família se apresenta como terreno fértil para o desenvolvimento das potencialidades dos filhos, por outro ela vai adquirindo características a partir da própria demanda dos filhos ou membros.

As famílias de superdotados são preocupadas para com os filhos, ou seja, propiciam todo um aparato para garantir um ambiente saudável ao seu desenvolvimento, pois é primeiramente dentro do ambiente familiar que aparecem os primeiros sintomas ou altas habilidades.

No entanto, alguns pais enxergam somente a superlotação dos seus filhos criando, desse modo, muitas expectativas em torno do filho, isso sem contar a excessiva exposição e atitudes de pressão que, possivelmente, provocarão desgastes no campo emocional e um futuro de infelicidade para seus filhos.

Em nossa realidade muitos destes sintomas são encaradas como dificuldades que podem prejudicar o próprio aluno e em alguns casos são chamados de nomes pejorativos lhe excluindo em certas actividades no seio da família.

Assim percebe-se que a família é o primeiro contacto com o mundo dos filhos, dentre eles o superdotado, assim, quando recebem ou percebem que seus filhos possuem necessidades especiais mudam o seu ritmo de vida, procurando alternativas que possam incluir, estimular estabelecendo um ambiente favorável a aprendizagem e ao desenvolvimento das habilidades dessa criança.

No entanto, diante da necessidade observadas no filho, o mais importante a fazer é a família buscar ajuda especializada, e se inteirar de facto o assunto, buscar atendimento adequado e de qualidade estabelecendo um relacionamento familiar em que prevaleça o amor e a afectividade como coloca Silverman citado por Delou (2007, p. 59): “superdotação é uma questão familiar... é uma qualidade da família ao invés de uma qualidade que diferencia a criança do resto da família”.

É inegável que a família tem papel importante no desenvolvimento de uma criança superdotada, no encorajamento, na estimulação, no aspecto afectivo, dentre outros, e, também, é imprescindível apontar o ambiente escolar como um dos provedores do desenvolvimento dessa criança apesar de no nosso contexto os familiares deixarem a educação dos seus filhos aos professores.

Mas percebe-se que, professores, directores, enfim, toda a equipe escolar, se esforça o bastante na busca por uma pedagogia cada vez mais adequada às carências desses alunos.

No entanto, muitos autores desenvolvem os temas família e escola de uma forma separada, autores fazem menções à escola e à família como tendo lugares e papéis diferentes no processo educacional.

Por conta disso, se comentará sobre a relação desses actores que, por sua vez, se complementam, estabelecem um eixo de informações sobre o filho/aluno superdotado com o intuito de enriquecer e somar experiências.

A parceria entre família e a escola deve ser estabelecida por meio de contactos abertos, francos e honestos, de modo que os dois lados tenham, em comum, o objectivo de oferecer... as melhores oportunidades de desenvolvimento de seu potencial, facilitando o prazer pela aprendizagem (Gama, 2007, p. 65).

Percebe-se então o quão importante é a parceria entre pais e escola no processo de aprendizagem dos seus filhos. Tal proposta segundo a autora, se faz em um desafio nos quais se configuram diversos caminhos e respostas objectivando sempre os múltiplos caminhos para o desenvolvimento do aluno e suas habilidades.

Porém, na relação do aluno com este sistema, devem-se levar em consideração as questões emocionais do primeiro, sabendo o que fazer diante do isolamento, do perfeccionismo da amizade, dentre outros.

Portanto, é necessário que se entenda as necessidades desses indivíduos especiais, pois, muitos deles têm uma percepção sobre o mundo e determinados anseios distintos dos demais em mesma idade.

Além do mais, o aluno superdotado necessita ao seu redor de pessoas interessadas que, juntamente com ele, buscam cada vez mais melhores formas de educação, atingindo todo o seu potencial. Nesse, ambiente propiciado pela família e escola, nas trocas de responsabilidades e de expectativa surgem laços de confiança

que, sem sombra de dúvidas, aumenta o desenvolvimento e os objectivos do educando são mais facilmente alcançados.

Em suma, os benefícios serão sentidos por todos os envolvidos nesse processo: pais, profissionais da educação e, o mais beneficiado, o próprio aluno.

A identificação da presença de altas habilidades e superdotação na criança faz-se necessário a estimulação para o bom desenvolvimento das potencialidades da criança. Assim, os pais devem estar cientes em oferecer alternativas estimuladoras que proporcionemos conhecimentos adequados, como: museus, feiras científicas, teatros e permitindo que elas agreguem conteúdos. É interessante que à criança, seja estimulada dentro das três inteligências: visual, auditiva e cinestésica e tenha um ambiente adequado para seu aprendizado.

Por isso, há uma necessidade as escolas implementar as saídas/excursões em museus, e outros locais que estimule a aprendizagem do aluno.

À medida que a criança cresce suas habilidades vão se desenvolvendo, é interessante que a família oriente e participe da vida e escolhas que essa criança vai optando para que possa escolher alternativas relacionadas as suas especificidades.

Grande parte das famílias angolanas caso particular aqui no Kuimba não têm informações sobre a superdotação, além de ter limitada possibilidade de oferecer à criança com altas habilidades a estimulação de que ela necessita.

A escola e os profissionais da educação podem auxiliar as famílias, informando e orientando quanto aos procedimentos a tomarem com os alunos com altas habilidades e superdotação.

É inegável dizer que a família e a escola são fundamentais para o desenvolvimento do superdotado, no entanto, inúmeros autores colocam a acção conjunta desses actores à afectividade.

Nesse sentido, Shimma et al. reforçado por Delou (2007), aponta que um desenvolvimento cognitivo nem sempre é sinónimo de um bom ajustamento afectivo.

Sendo assim, um bom equilíbrio afectivo, aliado a um ambiente familiar e escolar propício, se configura em maiores garantias de sucesso, embora, muitos

autores abordam essa conjuntura separadamente, ou seja, que cognição estaria separada de afectividade.

Este facto, por sua vez, pode ser observado em muitas escolas no modelo actual que, por sua vez, privilegiam mais o aspecto cognitivo em detrimento do afectivo (Ruiz, Oliveira, 2005).

Todavia, para Piaget citado por Arantes (2008), a vida cognitiva e a vida afectiva são inseparáveis, pois, toda acção sugere uma estruturação e uma valorização, ou seja, não é possível se desenvolver um raciocínio cognitivo sem vivenciar certos sentimentos e, por conseguinte, não será possível desenvolver um sentimento afectivo sem ter o mínimo de compreensão ou razão.

Por isso, Taile et al citado por Ruiz, Oliveira (2005, p. 07) salienta que:

A afectividade seria a energia, o que move a acção, enquanto a Razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas acções. Neste caso, não há conflito entre as duas partes. Porém, pensar a Razão contra a afectividade é problemático porque então dever-se-ia, de alguma forma, dotar a Razão de algum poder semelhante ao da afectividade, ou seja, reconhecer nela a característica de móvel, de energia.

Partindo dessas premissas, Arantes (2008) comenta que o trabalho educativo não deve considerar apenas o aspecto cognitivo ou racional pois, segundo a autora, “alunos e alunas não deixam os aspectos afectivos que compõem a sua personalidade do lado de fora da sala de aula”.

Dessa forma, a afectividade na sala de aula pode estar nas mínimas coisas, contudo, fazendo uma enorme diferença no contacto professor/aluno. A afectividade, assim, pode surgir através de um sentimento, uma atitude, um estado ou uma acção, ou seja, aparece segundo o contacto entre seres humanos.

Assim, o contacto afectivo dos professores cria vínculos com os alunos, pelo qual, estes se sentam confiantes, se tornem amigos e, sobretudo, expressem seus sentimentos e necessidades, dinamizando, por ventura, o seu aprendizado, aumentando a sua auto-estima e potencializando o aproveitamento de suas habilidades (Ribeiro et al., 2005).

Razão pela qual a interacção professor aluno na escola caso particular em sala de aula é muito importante pois que, esta interacção poderá estimular o aluno na aprendizagem.

Ferrando et al. (2005), cujos esforços se concentraram em torno da inteligência emocional relacionada à superdotação, utilizaram vários modelos teóricos no sentido de trazer à tona a importância do tato afectivo de pais e professores em relação aos filhos ou alunos superdotados.

Por conta disso, Ferrando et al. (2005), ao mostrar os resultados os modelos de Meyer, pode verificar que os alunos superdotados que obtiveram melhor resultado, sobre do ponto de vista emocional, tiveram, por conseguinte, uma melhor organização verbal e um melhor ajustamento emocional, principalmente quando verbalizaram sobre estas emoções.

Em virtude disso, pode-se considerar que uma inteligência emocional é principal para uma melhoria no desempenho tanto cognitivo quanto verbal e social do aluno superdotado.

Desse modo, o professor e a família devem estar centrados nos alunos, dentre eles os superdotados, para que este tenha amor e prazer por aprender e desenvolver-se, contudo, sem deixar de lado uma infância normal e feliz.

1.11- Estratégias metodológicas para actuação do professor no processo de ensino de alunos superdotados

As principais estratégias metodológicas que o professor pode desenvolver na sua prática pedagógica no que concerne ao processo de inclusão do aluno com superdotação. São elas: aceleração do ensino, diferenciação/adaptação curricular e programas de enriquecimento.

Dessa forma, a aceleração do ensino constitui-se como uma estratégia pedagógica de atendimento educacional para o aluno superdotado, uma vez, que a partir desta, o educando não mais ficará restrito àqueles conhecimentos pertinentes à classe em que se encontra, podendo transitar por outras temáticas e/ou áreas do seu próprio interesse, o que lhe permitirá um desenvolvimento profícuo do seu potencial (Maia-Pinto; Fleith, 2015).

Nesse sentido, a aceleração do ensino, após a sua implementação, poderá ocasionar alguns benefícios ao aluno superdotado, assim exemplifica-se que:

[...] o aluno acelerado poderá satisfazer seus interesses acadêmicos e construir bases sólidas para aprendizados futuros [...] quando as actividades curriculares são desenvolvidas de forma mais acelerada, de acordo com o ritmo de aprendizagem da criança, sua motivação e participação aumentam (Maia-Pinto; Fleith, 2015, p. 188).

De acordo com o autor, a aceleração motiva e aumenta a participação do aluno nas aulas visto que, estas aulas serão do seu interesse acadêmico. Embora haja algumas limitações que impedem a sua efectivação, uma vez que diversos profissionais da educação possuem:

[...] pouca familiaridade com as pesquisas sobre aceleração; filosofias pessoais segundo as quais a criança será mantida distante de seus pares em idade; crença de que a aceleração suprime parte da infância da criança; medo de que aceleração a prejudique social e emocionalmente; entendimento político sobre a oferta de oportunidades iguais para os alunos; e argumento de que os alunos deixarão de aprender parte do conteúdo programático (Maia-Pinto; Fleith 2015, p. 188).

Percebe-se então que, para viabilizar o processo o profissional da área de educação deve familiarizar-se com estas estratégias porque a falta de avaliação do processo de implementação da aceleração de ensino deixa-o vulnerável a especulações e opiniões leigas

Por isso é bom que se realize uma “Avaliação e acompanhamento do aluno na nova turma: avaliar como o aluno se desenvolve na nova turma em termos sócio-emocional e de aprendizagem [...] Preparação do professor para lidar com o aluno acelerado (Maia-Pinto; Fleith, 2015, p. 191).

Uma outra estratégia a ser mencionada refere-se à diferenciação/adaptação curricular:

A modificação e a diferenciação curricular são estratégias que visam atender aos interesses individuais dos alunos e reforçar seu potencial de aprendizado em uma ou mais áreas. Nesse sentido, são oferecidas aos alunos, actividades desafiadoras que despertam a sua motivação e que propiciam uma maior realização académica (Maia-Pinto; Fleith, 2004, p. 57).

Sendo assim, outros autores corroboram com esta assertiva ao elucidar que “No caso das altas habilidades, não é necessário um recurso externo físico para que o estudante seja atendido. O que ele precisa é de uma adaptação curricular, de uma estratégia pedagógica diferenciada (Pérez, 2008, p. 3).

Nessa concepção, destaca-se que esta elucidação se opõe à proposta de um currículo padronizado e homogeneizado, considerando que há a necessidade de adaptar e diferenciar o currículo de modo que este possa suprir e atender às

demandas de aprendizagem apresentados pelo educando, isto é, uma proposta baseada em desafios, motivação e realização académica.

Por fim, é importante mencionar os programas de enriquecimento. As actividades provenientes dos programas de enriquecimento oportunizam aos alunos com altas habilidades/superdotação:

Experiências de aprendizagem desafiadoras, autos selectivas e baseadas em problemas reais, além de favorecer o conhecimento avançado em uma área específica, estimular o desenvolvimento de habilidades superiores de pensamento e encorajar a aplicação destas em situações criativas e produtivas. [...] Os estudantes se tornam produtores de conhecimento ao invés de meros consumidores da informação existente (Fleith; Alencar, 2001, p. 135).

De acordo com os autores percebe-se, que a estratégia de enriquecimento direcciona o aluno para a reflexão e resolução de problemas reais e vividos, além da proposição de situações em que se faça necessário utilizar a sua criatividade. Logo, torna-se uma estratégia favorável para o desenvolvimento do potencial pleno do aluno com a superdotação.

CAPITULO II- METODOLOGIA DE PESQUISA

É apresentada a seguir a metodologia que será utilizada no desenvolvimento desta pesquisa que na qual compreende: Tipo de pesquisa, modelo de abordagem, níveis de estruturação dos métodos, técnicas de recolha de dados instrumentos e a população do estudo.

2.1- Tipos de pesquisa

De acordo aos objectivos pretendidos, utilizaremos a pesquisa Bibliográfica e a pesquisa de campo.

2.1.1- Pesquisa Bibliográfica

Segundo Nkuansambu (2018, p. 41), a pesquisa bibliográfica, “visa espelhar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos que versam sobre o assunto que se pretende abordar: procura conhecer e analisar as contribuições culturais e científicas do passado sobre um determinado assunto”.

Neste estudo procuramos utilizar as bibliografias adequadas para melhor justificar os limites e contribuições da pesquisa que nos propomos fazer.

2.1.2- Pesquisa de campo

Na perspectiva de Severino (2013, p. 107), Na pesquisa de campo,

O objecto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta dos dados é feita nas condições naturais em que os fenómenos ocorrem, sendo assim directamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador. Abrange desde os levantamentos (surveys), que são mais descritivos, até estudos mais analíticos.

Neste sentido, para este trabalho, o campo de pesquisa foi a escola primária n.º 51/Kuimba.

2.2- Modelos de abordagem

Quanto a abordagem do problema utilizou-se a pesquisa qualitativa.

Biones citado por Nkuansambu (2018, p. 67), é de opinião que “no enfoque qualitativo, incorpora a participação dos próprios sujeitos investigados. Analisa-se com eles a percepção que os mesmos têm da sua realidade”.

Nkuansambu acrescenta que a investigação qualitativa é interpretativo e visa descrever e compreender as situações e os processos de maneira integral e profunda, considerando inclusive o contexto que envolve a problemática.

Nesta pesquisa interessou ainda investigar como as pessoas pensam, sentem e agem; as suas experiências, as suas atitudes e crenças.

Assim sendo, o presente trabalho teve como objectivo levantar opiniões sobre as dificuldades dos professores no ensino de alunos com superdotação.

2.3- Níveis de estruturação dos métodos

A empreitada de fazer a ciência só é possível se o investigador tiver uma ideia muito clara da ordem que espera da realidade observada.

Assim sendo, a complexidade científica exige que o pesquisador escolha sempre um caminho que o leve com maior segurança e fiabilidade as metas preconizadas, (Nkuansambu 2018).

Assim sendo, Nkuansambu (2018, p.47), define métodos científicos como o processo racional que se emprega para a investigação. É a linha de raciocínio adaptada no processo de pesquisa.

Logo, para a materialização deste trabalho utilizou-se os métodos do nível teórico tais como o indutivo e o método de observação.

2.3.1- Método indutivo

Na opinião de Chemin (2015, p. 72), o método indutivo é aquele que,

“a partir da observação de um ou de alguns fenómenos particulares, uma proposição mais geral é estabelecida, para ser aplicada a outros fenómenos; a partir da observação de fatos e casos concretos, é buscada uma generalização; é possível usar amostragens para tentar inferir parâmetros e generalizações para uma população”.

Nesta pesquisa pretendeu-se analisar as dificuldades dos professores no ensino de alunos com superdotação de acordo opinião dos indivíduos que serão entrevistados.

2.3.2- Método de observação

Na perspectiva de Marconi e Lakatos (2017, p. 207) a observação, é uma técnica de colecta de dados para conseguir informações que utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade.

Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar factos ou fenómenos que se deseja estudar.

2.4- Técnicas de recolha de dados

Para a presente pesquisa utilizou-se como procedimentos técnicos a observação e a entrevista.

2.4.1- Observação

Para Kauark (2010, p. 62), na observação, são aplicados atentamente os sentidos a um objecto, a fim de que se possa, a partir dele, adquirir um conhecimento claro e preciso. A observação deve ser exacta, completa, imparcial, sucessiva e metódica.

2.4.2- Entrevista

Segundo Marconi e Lakatos (2017, pp. 211, 212), a entrevista “é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas, mediante conversação, obtenha informações a respeito de determinado assunto”.

2.5- Instrumentos e procedimentos de recolha de dados

2.5.1- Instrumentos

Para Moraes (2015, p. 30), instrumentos de recolha de dados são “as formas de realização da coleta de dados” sendo assim, escolhemos: o guião de entrevista, e a grelha de observação.

a) Guião de entrevista

Este instrumento nos serviu para a compreensão do problema que nos propomos investigar, usando perguntas semi-estruturadas dirigidas ao Director, Subdirector Pedagógico e professores.

b) Grelha de observação

Este instrumento serviu para constatar de forma directa as dificuldades dos professores no ensino a pessoas superdotadas e o comportamento demonstrado pelos alunos nas salas de aula.

2.5.2- Procedimentos

- Escolha do tema;
- Contacto com a tutora;
- Elaboração dos instrumentos de pesquisa;
- Contacto com a direcção de escola;
- Procura do referencial teórico;
- Aplicação dos instrumentos de pesquisa;
- Recolha, análise e interpretação dos resultados;
- Entrada ao departamento para aprovação e posterior defesa pública.

2.6- População e amostra

2.6.1. População

Segundo Silva e Menezes (2005), a população da pesquisa (Universo) “*é a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um determinado estudo*”.

Neste estudo a população geral ou universo foi constituído por: Membros da direcção da escola e professores do ensino primário que perfaz 10 elementos.

2.6.2- Amostra

A amostra “*é uma porção ou parcela, convenientemente seleccionada do universo (população); é um subconjunto do universo*” (Marconi e Lakatos, 2017).

Deste, foi retirado uma amostra da população constituída por: Membros da direcção da escola e professores do ensino primário, num total de 7 elementos

Tabela da população e amostra

Designação	População	Amostra
Membros da direcção da escola	3	02
Professores	7	05
Total	10	07

Fonte: O autor (2025)

2.6.3- Caracterização dos participantes no estudo

Neste item destacaram-se as características dos participantes da pesquisa, no que concerne ao género, cargo que ocupa na instituição, idade, formação académica e tempo de serviço.

a) Director da Escolar

De acordo com o interlocutor, tem 46 anos de idade, é licenciado em Pedagogia e é professor a 15 anos, dos quais 5 anos no cargo como Director.

b) Subdirector pedagógico

O subdirector pedagógico tem 34 anos de idade, é Licenciada em psicologia da educação, é professor há 10 anos e, 03 dos quais, como subdirector pedagógico.

c) Professores

São elementos que tem como função, velar pelo bom andamento do processo de ensino-aprendizagem. Dos professores entrevistados, dois (02) são do sexo masculino e três (03) do sexo feminino. No que concerne as idades estão compreendidas entre 27 à 39 anos. Destes dois (02) técnicos médios, três (02) bacharéis em pedagogia e um (01) com o grau académico de licenciados em Gestão de Recursos Humanos.

2.7- Dificuldades encontradas

Na elaboração de qualquer Trabalho de Fim do Curso, sempre existiram inúmeras dificuldades não estivemos ausentes delas e passamos a descrever as que nos afectaram:

- Limitação na selecção da bibliografia adequada para o tema;
- Distância da Instituição de ensino (ISA) e a escola onde se realizou a pesquisa;
- Pouca experiência por nossa parte na elaboração do trabalho do fim do curso, tais como o domínio nos seguintes programas Word; Power Point e Excel;
- Dificuldades financeiras e a falta de computador e impressora.

CAPITULO III: DISCUSSÃO E RESULTADOS

3.1- Apresentação e interpretação dos resultados

Este capítulo visou apresentar os dados da pesquisa em reflexo dos resultados obtidos nas entrevistas que aplicou-se e que permitiu-nos tirar as conclusões. Assim sendo, elaborou-se dois guiões de entrevista, um dirigido aos membros da direcção da escola e outro para os professores do ensino primário, constituído por perguntas que variam de um (1) a seis (6).

3.2- Apresentação, análise e interpretação dos resultados da entrevista dirigida aos membros da direcção

3.2.1- Entendimento por superdotação ou altas habilidades

Director de escola: a superdotação é quando uma pessoa ou aluno no nosso caso apresentam capacidades mentais acima da média de inteligência.

Subdirector pedagógico: uma pessoa superdotada é aquela caracterizada pela elevada potencialidade de aptidões.

Percebe-se que, os intervenientes têm noção sobre o tema pois que definem superdotação como as capacidades mentais caracterizadas por elevadas potencialidades mentais.

3.2.2- Existência de alunos superdotados a nível das turmas da escola

Director de escola: Nunca identifiquei, é uma questão de procurar saber da parte dos professores. Temos alunos grandes com potencialidade é uma questão de se fazer o teste de QI.

Subdirector pedagógico: Não, mas já recebi informações da parte de professores que temos alunos nas turmas com potencialidades elevadas, é uma questão de haver teste de QI.

Para os intervenientes há uma incerteza se existem nas turmas alunos superdotados, visto que, há alunos com elevadas capacidades de aptidões, talentos e habilidades, evidenciadas no alto desempenho nas diversas áreas de actividade.

3.2.3- Descrição de um aluno com Altas habilidades/Superdotação, segundo opinião dos interlocutores

Director de escola: Um aluno superdotado tem muitas habilidades nas artes (música, dança, desenho etc.) e outras áreas da vida.

Subdirector pedagógico: normalmente um aluno superdotado demonstra potencial elevado em qualquer uma das áreas, isoladas ou combinadas. Entende a importância da natureza (tempo, Lua, Sol, estrelas, solo etc.). Aprende facilmente novas línguas com um vocabulário excepcional, e é verbalmente fluente.

Para os interlocutores, o aluno superdotado apresenta varias habilidades. Percebe-se que, um aluno superdotado reúne habilidades intelectuais, académicas, psicomotricidade, arte quer combinadas ou isoladas.

3.2.4- Opinião dos interlocutores sobre os tipos de alunos especiais

Director de escola: Segundo os conhecimentos que eu tenho sobre alunos especiais, podemos descrever: os alunos com deficiência física e intelectual.

Subdirector pedagógico: Alunos especiais são aqueles que apresentam deficiências físicas e intelectuais. Mas também há alunos que apresentam elevadas capacidades mentais que são especiais como no caso dos superdotados.

Para os interlocutores, existem três tipos de alunos especiais, as que apresentam dificuldades físicas, intelectuais e os que apresentam elevadas capacidades mentais.

3.2.5- Dificuldades dos professores no processo de ensino de pessoas com Altas habilidades/Superdotação

Director de escola: Entre as dificuldades mais comuns estão a formação inadequada dos professores para o ensino primário, o preconceito ou a falta de conhecimento sobre as necessidades específicas dos alunos com deficiências.

Subdirector pedagógico: trabalhar com alunos especiais não é fácil principalmente com os chamados superdotados. Muitas vezes os professores sentem-se humilhados por causa da elevada capacidade intelectual do aluno, falta

de metodologias de ensino inadequadas, materiais didácticos adaptados, sem esquecer das infra-estruturas.

3.2.6- Metodologias que os interlocutores consideram adequadas ao trabalho dos professores com os alunos com Altas habilidades/Superdotação

Director de escola: A fim de ter um trabalho excelente com alunos superdotados é necessário que o professor opte por metodologias adequadas assim como conhecer o potencial de todos os alunos na turma principalmente dos superdotados, diversificar as abordagens com os alunos superdotados, estimular os colegas a terem para com eles atitudes respeitadas e colaborativas.

Subdirector pedagógico: tendo em conta as dificuldades que estes têm enfrentado o aconselhável é pesquisar mais sobre os alunos superdotados e as actividades que atendem as suas necessidades.

Para os entrevistados, a fim de ajudar os professores é aconselhável conhecer o potencial dos alunos na turma e as actividades a implementar.

Percebe-se que, para crianças superdotadas é importante que o professor forneça a estes alunos actividades desafiadoras e estimulantes, que atendam as suas necessidades intelectuais e que promovam o desenvolvimento de habilidades específicas.

3.3- Apresentação, análise e interpretação dos resultados da entrevista dirigida aos membros da direcção

3.3.1- Entendimento por superdotação ou altas habilidades

P1: Superdotação é quando um indivíduo tem um QI acima da média.

P2: Superdotação é quando uma pessoa tem uma elevada capacidade de talento e habilidades.

P3: Para mim entendo que uma pessoa superdotada é aquela que é muito inteligente e tem capacidade de desempenhar diversas actividades.

P4: Superdotado é a pessoa com inteligência acima da média, e com muitos talentos e habilidades.

P5: Entendo que superdotado é quando um indivíduo tem uma inteligência acima da média com potencialidade de desempenhar diversas actividades.

Percebe-se que os entrevistados têm conhecimentos suficientes sobre o assunto em abordagem, pois que definem como superdotação como uma inteligência acima da média e que é caracterizada pela elevada potencialidade do indivíduo no alto desempenho nas diversas áreas e actividades.

3.3.2- Opinião dos professores se existe alunos superdotados na sua turma

P1: Não tenho certeza.

P2: Pelo que eu tenho visto e se fazermos um teste de QI pode aparecer um que apresenta muitas habilidades.

P3: Não tenho.

P4: Não tenho.

P5: É possível que haja, é uma questão de verificar segundo as normas.

Segundo os interlocutores, percebe-se que não têm a certeza se existe alunos superdotados nas suas turmas.

3.3.3- Descrição dos alunos com Altas habilidades/Superdotação, segundo opinião dos professores

P1: Aluno superdotado é aquele que demonstra um potencial elevado em várias áreas e sempre se diferencia dos colegas na turma.

P2: É algum com muita inteligência. Aprende fácil e rapidamente

P3: Estes alunos destacam-se por apresentarem grandes criatividade na aprendizagem e em realizar tarefas do seu interesse. Está sempre bem informado, inclusive em áreas não comuns

P4: É muito inteligente em matemática, língua portuguesa e na cultura geral.

P5: De facto ele se diferencia pelo seu potencial em realizar tarefas em diferentes áreas do saber. Pensa de forma incomum para resolver problemas.

De acordo opinião dos interlocutores percebe-se que os alunos superdotados são aqueles dotados de muitos conhecimentos nas diferentes áreas da vida e que

apresentam domínio quer isolados ou combinados em áreas como artes, matemática, línguas.

3.3.4- Tipos de alunos especiais segundo os professores

P1: Os alunos especiais são aqueles que apresentam um determinado transtorno ou deficiência física, visual, auditiva ou intelectual.

P2: Segundo os conhecimentos adquiridos ao longo da minha formação os alunos especiais são aqueles que têm deficiências físicas, auditivas.

P3: Auditivas, visuais

P4: Não respondeu.

P5: São várias, com destaque para os alunos com deficiências visuais, físicas, auditivas e aqui podemos incluir também os alunos com altas habilidades que são os superdotados.

Para os entrevistados os alunos especiais são aqueles que apresentam um determinado transtorno ou deficiência que descreveram a física, visual, auditiva e a superdotação.

3.3.5- Opinião dos professores sobre as dificuldades em trabalhar com pessoas de Altas habilidades/Superdotação

P1: É muito trabalho visto que não temos formação para trabalhar com meninos especiais.

P2: Eu não sou formado no ensino primário e fico arrasca com estes meninos quando começa a demonstrar os seus conhecimentos não têm como instruí-los.

P3: Não temos escolas para estes meninos se tivesse, outro problema seria professores formados na área com metodologias adequadas.

P4: Falta de domínio e conhecimento sobre as necessidades destes alunos.

P5: As vezes tento, mas a falta de conhecimento e metodologia não consigo trabalhar com estes meninos.

De acordo os interlocutores, enfrentado varias dificuldades na sala de aula com destaque para a sua formação, as metodologias e as condições disponíveis

para a realização das aulas específicas para estes meninos que apresentam estas características.

Percebe-se que, a infraestrutura inadequada, a escassez de recursos de ensino e as vezes adaptados e a falta de formação no ensino primário são outros desafios enfrentados pelos professores.

3.3.6- Sugestões metodologias para professores que trabalham com os alunos com Altas habilidades/Superdotação

P1: Em caso de haver alunos superdotados na turma procure conhecer os pais destes alunos

P2: Para os professores que as suas turmas estão constituídas por alunos com altas habilidades o aconselhável é conhecer as necessidades do aluno e oferecer oportunidades para pensamento de alto nível.

P3: Bem o aconselhável é conhecer ou seja, se familiarizar com a turma e trabalhar naquilo que os alunos necessitam aprender. No caso dos alunos superdotados o professor deve colocar os alunos em grupo e deixar que o mesmo trabalhe com os seus colegas de turma.

P4: Primeiro é que o professor deve respeitar esses alunos dando a eles o que necessitam apesar de o professor as vezes se sentir inferior devido a gama de conhecimento que este aluno carrega.

P5: Interagir com o mesmo para se familiarizar com as suas necessidades, falar sempre com a família, e outros colegas de profissão.

Segundo os entrevistados uma das formas de trabalhar e conseguir bons resultados com esses alunos é por conhecer a família destes alunos, conhecer as suas necessidades, e estimular actividades em pares onde poderá demonstrar os seus conhecimentos.

Outra forma é o professor encorajar a criança a escolher um tópico de interesse e realizar um trabalho individualizado.

3.4- Discussão dos resultados

A seguir apresentamos a discussão dos resultados da pesquisa em reflexão dos objectivos específicos traçados:

3.3.1- Identificar os tipos de alunos especiais na escola primária n.º 51/kuimba

Segundo os participantes embora não tenham a certeza se existe alunos superdotados na escola primária, mas há alunos com características de alta capacidade, há necessidade de aplicar teste de quociente de inteligência (Q.I) para aferir os tipos de alunos especiais na escola em estudo.

3.3.2- Mencionar as dificuldades dos professores no processo de ensino de pessoas superdotadas na escola primária n.º 51/ kuimba

De acordo ao segundo objectivo sobre as dificuldades dos professores no ensino de pessoas superdotadas, os participantes mencionaram-nos:

- A formação inadequada dos professores para o ensino primário;
- O preconceito ou a falta de conhecimento sobre as necessidades específicas dos alunos com deficiências;
- Metodologias de ensino inadequadas
- Materiais didácticos adaptados, sem esquecer das infra-estruturas;

Muitas vezes os professores sentem-se humilhados por causa da elevada capacidade intelectual do aluno,

Atendendo a prática docente que é permeada por vários desafios no tocante ao processo de inclusão de um educando que apresenta necessidades educacionais especiais Piske & Stoltz destaca que:

[...] o desempenho de alunos com altas habilidades/superdotação (AH/SD) é comprometido pela falta de acompanhamento adequado, sem profissionais preparados para trabalhar com estes jovens. Outras vezes, é oferecido de maneira inadequada, sem recursos suficientes [...]. Deve-se considerar que cada aluno é diferente e apresenta singularidades no espaço escolar (Piske; Stoltz, 2012, p. 151).

Na perspectiva do autor, existem vários entraves que englobam a falta de professores formados e a escassez de recursos pedagógicos para se trabalhar com o aluno com superdotação, recursos estes que deveriam estimular e impulsionar o seu desenvolvimento na sala de aula.

No nosso contexto, os professores do ensino primário colocados nas escolas públicas em muitos casos são adaptados, onde muitas vezes nem conseguem identificar as necessidades de um aluno, com falta de dinamismo para seleccionar os recursos de ensino adequados.

Contudo, importa salientar o quão importante é que se tenha professores formados, a existência de uma sala de recursos para atender este público tão peculiar.

3.3.3- Sugerir acções metodológicas que visam melhorar o trabalho dos professores com alunos superdotados na sala de aula

Para crianças superdotadas ou que apresentam características de altas capacidades é importante que o professor conheça os pais para familiarizar-se com as suas necessidades específicas, e forneça a estes alunos actividades desafiadoras e estimulantes, que atendam as suas necessidades intelectuais e que promovam o desenvolvimento de habilidades específicas.

Outra forma é o professor encorajar a criança a escolher um tópico de interesse e realizar um trabalho individualizado.

De acordo ao assunto em questão Maia-Pinto e Fleith sugerem uma outra estratégia que é à diferenciação ou adaptação curricular:

A modificação e a diferenciação curricular são estratégias que visam atender aos interesses individuais dos alunos e reforçar seu potencial de aprendizado em uma ou mais áreas. Nesse sentido, são oferecidas aos alunos, actividades desafiadoras que despertam a sua motivação e que propiciam uma maior realização académica (Maia-Pinto; Fleith, 2004, p. 57).

Sendo assim, outros autores corroboram com esta assertiva ao elucidar que no caso das altas habilidades, não é necessário um recurso externo físico para que o estudante seja atendido, mas que sim uma adaptação curricular, de uma estratégia pedagógica diferenciada.

CONCLUSÕES

A partir do estudo realizado foi possível observar que os participantes apresentam vários desafios e necessidades reais para a inclusão adequada dos alunos com altas habilidades ou superdotação na escola senão mesmo em todo município.

Com relação aos tipos de alunos especiais que escola primária n.º 51/ kuimba apresenta embora não tenham a certeza percebeu-se que existe alunos com necessidades especiais, com características de alta capacidade, alunos com deficiências físicas e auditivas.

Quanto a dificuldade dos professores no processo de ensino de pessoas superdotadas notou-se que há uma necessidade de mais jornadas pedagógicas de formação continuada e de conhecimento sobre o tema, pois que os professores pela falta de domínio e a sua adaptação no ensino primário não utilizam as metodologias adequadas. Logo, com as jornadas pedagógicas estarão capacitados e mais esclarecidos sobre o assunto.

Tendo em vista que no nosso município muitos professores desconhecem a temática, o que dificulta o desenvolvimento e o aperfeiçoamento dos alunos com altas habilidades ou superdotação, o que é um desperdício as referidas habilidades serem reprimidas, dessa forma, os mesmos poderiam contribuir muito com o desenvolvimento social.

Assim sendo, para mitigar as dificuldades dos professores no ensino de crianças superdotadas é importante que conheça os pais para familiarizar-se com as suas necessidades específicas, e fornecer a estes alunos actividades que atendam as suas necessidades intelectuais e que promovam o desenvolvimento de habilidades específicas.

Todavia o presente trabalho permitiu alcançar os objectivos traçados, e entende-se que para que haja melhoria e qualidade no ensino primário principalmente em turmas de inclusão, deve-se enquadrar no sector público professores com formação específica e caso já estejam inseridos que se façam formações contínuas de acordo as dificuldades verificadas nos mesmos.

SUGESTOES

Após a análise e interpretação dos resultados e as conclusões chegadas sugere-se:

Aos gestores da escola:

- Que realizem mais jornadas pedagógicas;
- Que incentivem a relação família – professores para melhor atendimento das necessidades dos seus filhos;
- Que criem programas específicos para os alunos com estas habilidades.

Aos professores:

- Que estimulem e incentivem os alunos em realizar trabalhos individuais;
- Que evitem preconceitos destes alunos
- Que conheçam os pais destes alunos para familiarizar-se com as suas necessidades específicas,
- Fornecer a estes alunos actividades que atendam as suas necessidades intelectuais

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agência Europeia para o Desenvolvimento da Educação Especial (2010). Princípio chave para a educação especial: recomendação para responsáveis políticos. Brussels: European Agency for Development in Special Needs Education
- Alencar, E.S. (2001). Criatividade e Educação dos Superdotados. Petrópolis. RJ: Vozes.
- ANGOLA – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: Lei n.º 32/20 de 12 de Agosto Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino que estabelece os princípios e as bases gerais do Sistema de Educação e Ensino.
- ANGOLA – MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO: Lei n.º 13/01 de 31 de Dezembro Lei de Bases do Sistema de Educação
- ANGOLA. MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO. Decreto-lei no 7/03. Instituto Nacional para Educação Especial. Luanda
- Arantes, V. A. (2008). Afetividade e Cognição: Rompendo a Dicotomia na Educação. In: Oliveira, M. K.; Rego, T. (Orgs.). Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna
- Aspesi, C. C. (2007). A Família do Aluno com Altas Habilidades/Superdotação . In: Fleith, D. S.(Org.). A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação - volume 3: O aluno e a Família. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.
- Azevedo, Sónia Maria Lourenço de; Mettrau, Marsyl Bulkool (2010). Altas habilidades/Superdotação: Mitos e dilemas docentes na indicação para o atendimento. Psicologia Ciência e Profissão.
- Bahiense, Taisa Rodrigues Smarssaro; Rossetti, Claudia Broetto (2014). Altas Habilidades/Superdotação no contexto escolar: Percepções de professores e prática docente. Revista Brasileira Educação Especial. Marília. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v20n2/04.pdf>> . Acesso: 11 out. 2024.

- Barros, Ana Lúcia Rodrigues de; Leal, Bárbara (2014). Altas habilidades/superdotação: uma discussão sobre a percepção dos professores na rede municipal de ensino em Muriaé (MG). Revista Científica da Faminas.
- Bautista, R. (2007). Necessidades Educativas Especiais. Lisboa: Dinalivro
- Chemin, b. F. (2015). *Manual da univates para trabalhos académicos: planejamento, elaboração e apresentação*. 3ª ed. Ed. Da Univates. Lajeado
- Costa, M. F. de (Coord.). (2010). *Grande dicionário de língua portuguesa*. Porto
- Cupertino, Christina Menna Barreto (Org.) (2008). Um olhar para as altas habilidades: construindo caminhos. Secretaria da Educação, CENP/CAPE. São Paulo: FDE
- Daron, r. & Parot, f. (2001). *Dicionário de psicologia*. Lisboa. Climepsi.
- Delou, C. M. C. (2007). O Papel da Família no Desenvolvimento de Altas Habilidades/ Superdotação. In: Fleith, D. S.(Org.). A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação - volume 3: O aluno e a Família. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial
- Dicionário da língua portuguesa. Porto editora, 8º edição, – 2008.
- Dicionário online Preberam
- Ferrando, M.; Ferrándiz, C.; Bermejo, R.; Prieto, M. D. (2005). Inteligência emocional y superdotación. In Candeias, A. A. (Coord.). Crianças diferentes: múltiplos olhares sobre como avaliar e intervir. Évora: Universidade de Évora/PRODEP.
- Fleith, Denise de Souza; Alencar, Eunice Soriano (2007). Desenvolvimento de Talentos e Altas Habilidades: orientação a pais e professores. Porto Alegre: Artmed
- Freitas, Soraia Napoleão; Rech, Andréia Jaqueline Devale (2012). O papel do professor juntos ao aluno com Altas Habilidades. Revista do Centro de

Educação. Santa Maria Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3131/313127395006.pdf> . Acesso: 11 Dezembro 2024.

Gama, M. C. S. S. (2006). Educação de superdotados: teoria e prática. São Paulo: EPU

Grande, Diogo; Grochoski, Simone; Veiga, Elizabeth Carvalho da (2013). As relações entre o aluno com Altas Habilidades/Superdotação e o professor do Ensino Comum. Psicol. Argum. Curitiba.

Holetz, M. S. (2004). Superdotação: Um Olhar Psicopedagógico. 2004. Monografia de Especialização. Faculdades Integradas Maria Thereza. Niterói.

Kauark, F. (2010). Metodologia da pesquisa: guia prático – ita buna : via litterarum.

Landau, E. (2002). A coragem de ser superdotado. São Paulo: Arte e Ciência.

Libâneo, J. C. (2006) *Didáctica*. Cortez. São Paulo.

Maia-Pinto, Renata Rodrigues; Fleith, Denise de Souza (2015). Percepção de alunos superdotados, mães e professores acerca da aceleração de ensino. Interação em Psicologia

Marconi, M. de A. & Lakatos, E. M. (2017). *Fundamentos de Metodologia Científica*. 8ª ed. Atlas, São Paulo.

Mattei, Giovana (2008). O professor e aluno com altas habilidades e superdotação: relações de saber e poder que permeiam o ensino. Revista Educação Especial. Santa Maria. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/3131/313127395006.pdf> . Acesso: 11 Dezembro 2024.

Mesquita, E. Da c. (2013). *Competências do professor*. Lisboa: edição sílabo.

Moraes, M. L. B. De (2015) *metodologia de pesquisa técnica e científica*, rede e-tec, brasil.

Mori, Nerli Nonato Ribeiro; Brandão, Sílvia Helena Altoé (2009). O atendimento em salas de recursos para alunos com altas habilidades/superdotação: o caso do Paraná. Revista Brasileira de Educação Especial

Neumann, Patricia; Velentim, Bernadete de Fátima Bastos; Vestena, Carla Luciane Blum (2014). Educadores e estudantes: um olhar para a afetividade nas Altas Habilidades/Superdotação. Revista Educação Especial. Santa Maria. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/14421/pdf>>. Acesso: 11 out. 2024

Nkuansambu, A. (2018). *Metodologia de Investigação Científica*. Luanda: Rubricart.

Nóvoa, António. (2009). “Relações com a sociedade: Nova resposta para o velho problema”. Serbino, R. V.; Ribeiro, R.; Barbosa, R. L. L.; Gebran, R. A, (org.), et al In: Formação de Professores. São Paulo: Fundação Editora da UNESP.

Pérez, S. G. P. B. (2004). Gasparzinho vai à escola: Um estudo sobre as características do aluno com altas habilidades produtivo-criativo. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre

Piletti, C. (2004). *Didáctica Geral*. 23ª ed. São Paulo. Ática.

Piske, Fernanda Hellen Ribeiro; Stoltz, Tania (2012). O desenvolvimento afetivo de alunos superdotados: Uma contribuição a partir de Piaget. Schème: Revista Electrónica de Psicologia e Epistemologia Genéticas. Disponível em: [http://www. redalyc.org/pdf/3131/313127395006.pdf](http://www.redalyc.org/pdf/3131/313127395006.pdf) . Acesso: 11 Dezembro 2024.

Renzulli, J. S. (2004). O que é essa coisa chamada Superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. Educação, Porto Alegre RS, Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/375/272> .Acesso em: 20 out. 2024.

Ribeiro, M. L.; Jutras, F.; Louis, R. (2005). Análise das representações sociais de afetividade na relação educativa. Psicologia da educação. São Paulo, vol.20, 2005.

Ruiz, V. M.; Oliveira, M. J. V. (2005). A Dimensão Afetiva da Ação Pedagógica. Educação- rev. Ped. – UNIPINHAL. Espírito santo do Pinhal.

- Sabatella, M. L.; Cupertino, C. M. B. (2007). Práticas Educacionais de Atendimento ao Aluno com Altas Habilidades/Superdotação. In: FLEITH, D. S.(Org.). A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação - volume 1: orientação para professores. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.
- Severino, António Joaquim (2013). Metodologia do trabalho científico 1. ed. São Paulo : Cortez
- Silva e Menezes, d. B. (2005). *Metodologia científica: fundamentos, métodos e técnicas*. Lisboa: instituto piaget.
- Silva, L. R. da (2016). *Família e Escola: Uma parceria que dá certo*. São Paulo. Editora Gente.

APÊNDICES

GUIÃO DE ENTREVISTA PARA OS GESTORES

Caro (a) gestor(a)!

Esta entrevista enquadra-se no âmbito do projecto de investigação a ser apresentado ao Instituto Superior de Angola para a obtenção do grau de Licenciatura em Ciências de Educação opção de Pedagogia

O objectivo é investigar as dificuldades dos professores no ensino de pessoas superdotadas na escola primária n.º 51, kuimba.

Sua colaboração é importante para o andamento desta pesquisa, peço que contribua com as informações, pois todas elas, assim como a identidade dos participantes, serão preservadas.

Agradeço desde já sua contribuição!

- Qual sua Idade? _____
- Informe seu sexo _____
- Qual sua formação académica? _____
- Há quanto tempo você trabalha como:
 - Gestor escolar _____
 - Professor _____

- 1- O que entendes por superdotação ou altas habilidades?
- 2- Tem alunos superdotados a nível das turmas da escola?
- 3- Como você descreveria um aluno com Altas habilidades/Superdotação?
- 4- Quais são os tipos de alunos especiais que conheces?
- 5- Em quanto profissional, quais as dificuldades dos professores no processo de ensino de pessoas com Altas habilidades/Superdotação?
- 6- Quais as metodologias que você considera adequadas ao trabalho dos professores com os alunos com Altas habilidades/Superdotação? Por quê?

GUIÃO DE ENTREVISTA AOS PROFESSORES

Caro (a) professor (a)!

Esta entrevista enquadra-se no âmbito do projecto de investigação a ser apresentado ao Instituto Superior de Angola para a obtenção do grau de Licenciatura em Ciências de Educação opção de Pedagogia

O objectivo é investigar as dificuldades dos professores no ensino de pessoas superdotadas na escola primária n.º 51, kuimba.

Sua colaboração é importante para o andamento desta pesquisa, peço que contribua com as informações, pois todas elas, assim como a identidade dos participantes, serão preservadas.

Agradeço desde já sua contribuição!

- Qual sua Idade? _____
- Informe seu sexo _____
- Qual sua formação académica? _____
- Há quanto tempo você trabalha como Professor _____

- 1- O que entendes por superdotação ou altas habilidades?
- 2- Tem alunos superdotados na tua turma?
- 3- Como você descreveria um aluno com Altas habilidades/Superdotação?
- 4- Quais são os tipos de alunos especiais que conheces?
- 5- Em quanto profissional, quais as dificuldades dos professores no processo de ensino de pessoas com Altas habilidades/Superdotação?
- 6- Quais as metodologias que você considera adequadas ao trabalho dos professores com os alunos com Altas habilidades/Superdotação? Por quê?

ANEXOS